DIRECTOR

Jorge Santos

SEMANARIO MONARCHICO

João de Sá Sotto-Maior Pizarro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Passos Manoel, 177-1.°-Porto

Composto e impresso na Typographia de A. J. da Silva Teixerra. Successor—Officinas movidas a electricidade— Rua da Cancelia Velha, 70-1.0—PORTO.

Agente em Paris: Alvaro Pinheiro Chagas-6, Rua Duban Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo, 12

Proprietario - MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO = N.º 21 = AVULSO 20 REIS

Sabbado, 26 de Abril de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n. 61, 16000 reis — Serie de 26 n. 61, 500 reis. Estrangeiro: (Palzes da União postal)—serie de 52 n. 61, 161 francos (ou 36000 reis). Serie de 26 n. 62, 8 francos (ou 16600) reis. Brazil: serie de 52 n. 61, 6000 reis (meeda brazileira). Sendo a cobrança feita pelo correto, accresce 60 reis para Portugal, Ilbas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangueros.

ANNUNCIOS—Na secção de annuncios 50 reis a linha, Nas outras paginas; contracto especial.

SUMMARIO

O casamento d'El-Rei. — AYRES D'ORNELLAS. D. Constança Telles da Gama. Notas d'um Lisboeta. — ANSELMO.

A Segunda Incursão Monarchica. — JOAQUIM LEITÃO.

A Egreja e o Edito de Milão. — AYRES D'OR-NELLAS.

Os bons tempos da tropa. — SATURIO PIRES. A Africa Portugueza. — EDUARDO LUPI. As duas Escolas. — C. FRAZÃO PACHECO. Nas cadeias da Republica. — O Padre Avelino de

Figueiredo.

Duas Patrias? - HENRIQUE DE PAIVA COUCEIRO. Carta de Lisboa. — RAUL. Semana mundana.

casamento d'El-Rei

Se o Rei representa para todos os Portuguezes a tradição nacional, se elle é a verdadeira encarnação da Patria que sob a egide dos seus avós se criou, manteve e desenvolveu, na Rainha se acostumou o Povo a symbolisar o culto pelo feminino eterno inherente ao sentir nacional. O amor do lar, o sentimento da Familia, a abnegação e a dedicação pelos outros, a caridade, são virtudes que de longas eras Portugal se acostumou a encontrar e a querer na consorte dos seus Reis. No Rei e na Rainha concentrou o Povo Portuguez a sua historica dedicação, por isso que os sentia seus em especial. E a verdade, a persistencia, a firmeza inabalavel em taes sentimentos, tem sido heroicamente demonstrados pela população das cadeias e penitenciarias sob a tyrannia republicana. Mas, se não esqueceu o Povo Portuguez o seu Rei, se no sentir nacional cada vez mais surge clamorosa a ideia da perda da nacionalidade deshonrada e aviltada pelo regimen que á traição e á falsa fé se apoderou do Paiz, não ha duvida de que parecia faltar ao lado d'El-Rei quem completasse, n'uma d'aquellas missões feitas por Deus, o glorioso throno portuguez, tantas vezes secular!

Ou Portugal desapparece do numero das nações com a Republica, ou a Monarchia o salva. Não é pois indifferente que El-Rei encontrasse agora a futura Rainha de Portugal. A familia da Excelsa Princeza, o ramo mais velho dos Hohenzollern já deu a Portugal uma Rainha que, tendo infelizmente occupado o throno por bem curtos annos, deixou comtudo na memoria popular imperecivel recordação das mais raras virtudes. Que a Princeza Augusta Victoria seja no throno o que foi a Rainha D. Estephania, e El Rei terá a seu lado a companheira de que carece, como o Povo encontrará a Rainha dos seus sonhos!

Por outro lado não é segredo para ninguem a estima, o affecto, a consideração especial que pelo ramo mais velho da sua casa tem o Kaiser allemão. A noticia do enlace regio foi officialmente dada na Allemanha. A ninguem esqueceu por certo o que foi o acolhimento que Guilherme II dispensou a El-Rei na sua recente viagem durante a sua estada em Berlim. E' porque, para todo o mundo civilisado, a Republica que se installou em Lisboa não representa senão uma

doença da Nação, uma crise á qual a forte vitalidade do Paiz saberá ainda sobresahir. Tornou-se ainda visivel ao mundo que Portugal, tal como a Monarchia o fez e o deixou, faz falta ao equi-

Sendo preciso Portugal, é precisa a Monarchia, porque um sem o outro elemento, se não comprehendem.

D'esta verdade comesinha até os dirigentes de Lisboa se aperceberam já. E só tem para luctar contra ella, só encontram no desvario da derrota, o espectro do Estrangeiro! A Monarchia restaurada pelo estrangeiro! Que parvoiçada torpe! Que singular contradição entre esses termos! A Monarchia volta, por isso mesmo que ella é que é nacional; volta, porque o seu regresso é a expressão imperiosa da Vontade Popular; volta, porque o Paiz não quer morrer nem afundar-se no lodaçal d'ignominia que o regimen actual abriu.

E' isto e mais nada. E bem o sabem os do governo de Lisboa. E se não, porque não é consultado o Paiz? Quando os emissarios da Revolução foram a Londres, mentiram! A mentir tem passado a Republica a sua existencia. Mas da mentira nada se cria, e já o mundo sabe e vê o que é tal mentira. N'este ponto está o Estrangeiro elucidado, não tenha a Republica duvida. A atmosphera que ella soube criar de antemão, e que a tornou possível, desappa-receu com o temporal de barbaridades e d'insanias desenvolvido em Lisboa. A Republica de Lisboa, hoje, no Estrangeiro, é outra coisa que não essa da manha de cinco d'outubro. Mas isso deve-o a mesma Republica a si propria e a mais ninguem.

A Monarchia, essa, está, e ficou onde estava: incarnando e representando os interesses, todos os interesses nacionaes. Simplesmente, no cinco d'outubro, o Estrangeiro não o via assim. E hoje vê o claramente, e diariamente o affirma.

Mais nada.

Paris — Abril — 913.

Ayres d'Ornellas.

No proximo numero publicaremos um explendido retrato da princeza Augusta Victoria de Hohenzollern, a noiva de El-

68000

A antecedencia com que tem de ser feito o nosso jornal e a imprevista demora na recepção da photographia, não nos permitte que já n'este numero publiquemos o retrato da futura Rainha de Portugal, e as informações biographicas com que desejamos acompanhal-o.

D. CONSTANÇA TELLES DA GAMA

A mania individualista, o peior mal de que enfermam as sociedades modernas, matou as individualidades. Não nasce, fructifica e se desenvolve uma planta fóra do seu meio natural, arrastada a semente pelo vento do temporal. A planta-homem necessita, para crescer

n'uma arvore frondosa, enraizar-se ao solo da patria pela força da tradição, vivificar-se pela seiva da vida nacional, harmonicamente equilibrada. E então o mais assolador furação, o vendaval mais desfeito, só serve para attestar a energia sobranceira do roble.

D'elle necessita para viver a floresta. Sem a sua sombra protectora desapparece a tenra e mimosa planta ao sopro ardente do Norte queimador.

E é essa funcção para assim dizer so-cial, que desperta a um tempo a nossa admiração e o nosso respeito por um d'esses magnificos exemplares que parecem traduzir aos nossos olhos a força tranquilla e a serena duração dos secu-

No temporal de insania, assolador de destruição, que tem abalado até ao alicerce a velha Patria Portugueza, mais que em qualquer outra das revoluções modernas, se tem feito sentir a falta d'essas personalidades que nas crises nacionaes mais representativas se tornam das antigas qualidades da raça. Com sombrio espanto se procurava em vão alguma figura que sobresahisse do nivel a que tudo parecia reduzir-se.

Sentia-se anciosa esta necessidade de admirar, esta carencia de olhar para o alto, esta falta d'algum ideal consubstanciado em alguem, sem o quê uma raça não só não progride, mas nem se-

Coube a uma Senhora, dar-nos tudo isso! Bemdita seja ella! Não lhe vimos aqui trazer apenas o sentimento da nossa admiração: ha muito que a conhecemos. Mas queremos sobretudo e principalmente significar-lhe o preito sincero da nossa gratidão. Ora graças a Deus que temos alguem a quem admirar na nossa terra Portugueza! E esse clarão de luz que com Ella nos vem illuminar as trevas do presente, despertou ainda a Confiança.

E' vêr, pelo pouquissimo que a Imprensa pode dizer, o que foi em volta do seu nome o movimento da Opinião Publica. A essa força deveu Ella, e nunca ao chamado Tribunal, a sua liberdade; d'esta se utilisou immediatamente para continuar e proseguir na sua tarefa sagrada. Não esmoreceu, nem abateu. Seguiu com a mesma serena tranquillidade no aspero caminho do dever. E' tambem uma lição. E por isso ainda lhe somos tão gratos.

Paris, Abril 1913.

Notas d'um Lisboeta

Não haja receio

Porque o sr. Teixeira de Sousa desatou de repente a fugir lá pelas terras transmontanas, onde se acoita, já varias gazetas republicanas bradam espavori-das que os monarchicos querem fazer mal ao homem.

Não haja receio.

Ninguem quer bulir com a creatura, e nenhum monarchico tem interesse em que se lhe não prolongue a vida por muitos e dilatados annos, em companhia de quem mais estima.

Já que vive... que continue vivendo e que a ignominia da sua vida seja completada pela ignominia de uma morte tardia e tranquilla, como demonstração de que nem a sua vergonha lhe encurtou os dias, nem o remorso de ter feito perder vidas, que valiam muito mais que a sua, lh'os amargurou tanto que os encurtasse elle proprio.

Desviemos os olhos d'essa miseria, e reconfortêmos o espirito enlevando nos na recordação d'aquelles que, n'uma sublime abnegação, em plena e exuberante mocidade, sacrificavam a vida, emquanto esse rijo latagão de cabellos brancos architectava episodios grotescos de fusilamentos de abas de frack, ou sirandava por terras de Hespanha a dizer graçolas aos creados das fondas.

Descansem que ninguem quer fazer

ŶCĐŶ

mal ao homem!...

Anselmo.

ECHOS

Desmentido

Pessoa da nossa inteira confiança e fazendo parte do pessoal d'este semanario com-munica-nos do Porto, em data de 16 de Abril, o seguinte:

«Corre aqui entre boccas de políticos mo-narchicos que uma boa parte das importantes sommas que teem ido para o estrangeiro se destinam e são pedidas para sustentar o «Cor-reio» e homens como Alvaro Pinheiro Chagas; Annibal Soares e Joaquim Leitão. »

Os políticos monarchicos que tal espa-lham, sobre fazerem uma affirmação absolu-tamente falsa, praticam uma indecorosa garotice, pois que alvejam nos seus boatos inventados com intuitos desagradaveis, tres pessoas que, nada devendo á politica, foram comtudo aquellas que, logo em seguida á proclamação da Republica, primeiro se apre-sentaram a luctar pela causa monarchica, e isto quando quasi todos esses políticos monarchicos entendiam e prégavam que nada havia a fazer senão adherir ao novo regimen ou acceitar simplesmente os factos consummados.

A esses politicos que taes garotices espa-Iham temos a dizer que o semanario monar-chico O Correio foi fundado com a quantia de oitocentos mil reis, subscripta particularmente por oito amigos pessoaes dos seus redactores, e que nunca pediu, nunca acceitou e nunca recebeu qualquer auxilio, qualquer subsidio ou qualquer quantia nem do comité monarchico, nem de qualquer representante da causa monarchica.

Recentemente o comité monarchico offe-receu ao sr. Alvaro Pinheiro Chagas um auxilio financeiro que lhe permitisse assegurar e desenvolver a publicação do *Correio* e o sr. Alvaro Pinheiro Chagas respondeu ao delegado do comité que não acceitava para o jornal, como nunca acceitára para si, qualquer auxilio da causa monarchica, embora não considerasse deshonroso nem para elle nem para o jornal o ser auxiliado pela causa.

Recusava, e recusou sempre qualquer auxilio, por desejar que a publicação do Correio só fosse assegurada pelos recursos do proprio jornal e, quando isso fosse necessario, pelo auxilio particular de amigos pessoaes dos seus redactores.

Comquanto não tivessemos tido occasião de fallar sobre este assumpto com o nosso querido amigo e presado collega, sr. dr. An-nibal Soares, sabemos que estas declarações a respeito do *Gorreio*, as podemos fazer tambem a respeito da sua brilhante Chronica do Exilio, que Annibal Soares tem publicado sem qualquer auxílio do comité ou da causa monarchica, como sabemos poder dizer tam-bem que tanto elle, como o sr. Alvaro Pinheiro Chagas e o sr. Joaquim Leitão exclusivamente dos seus recursos proprios e do seu

rabalho vivem no exilio, como sempre viveram no seu paiz.

Descancem, pois, os taes politicos monar-chicos que nem o Correio, nem a Chronica do Exilio, nem os srs. Alvaro Pinheiro Chagas, Annibal Soares e Joaquim Leitão, fazem ou farão diminuir em cinco reis sequer, as quantias que esses políticos por acaso pre-tendam reclamar como gorgêta pelo trabalho de garotos em que se occupam, provavelmente porque lhes não permitte o egoismo e a falta de caracter, nem lhes consente a cobardia e a falta de convicções, que alguma cousa façam a favor da causa á qual tudo sacrificaram os tres visados nas suas garo-

Devemos dizer que taes garotices não surprehenderam nem o sr. Alvaro Pinheiro Chagas, nem o sr. Annibal Soares, nem o sr. Joaquim Leitão, porque todos tres já tiveram, — desde o quasi completo isolamento em que se viram ao lançar a publico o Correio da Manhã, em seguida ao 5 de Outubro, - varias occasiões de verificar que a proclamação do novo regimen não teve, para a causa que defendem, a vantagem de limpar completamente o campo monarchico de alguns miseraveis que por elle vagueavam e dos quaes, infelizmente, nem todos se resolveram ainda a passar-se para a Republica.

E sobre o assumpto... temos dito.

O famoso assalto

Volta o nosso leitor constante a reclamar artigo indignado a respeito do assalto ao Club dos Restauradores, apontando-nos como exemplo o vibrante e altivo artigo do Seculo sobre o assumpto e citando-nos a attitude nobilissima da Imprensa que, com raras excepções, diz elle, verberou a incrivel violen-

Tenha paciencia o nosso constante leitor, mas ainda não conseguiu d'esta vez fazernos vibrar de indignação, e por isso continuamos manifestando a mais completa indiffe-rença pelo assalto de Manuel Lourenço Godinho e mais dos do seu bando ao Club dos Restauradores.

O que fizeram agora a esse Club teem-n'o feito elles, ou outros taes como elles, a varias residencias particulares, sob o pretexto de que n'ellas se occultam conspiradores ou de que n'ellas se albergam thalassas.

Desde que se implantou a Republica dezenas de casos como esse se teem dado, com a differença apenas de que em vez de serem as victimas jogadores do solo, da banca france-za, do burro em pé, da rolèta ou da bisca lambida, teem sido honrados cidadãos odiados pela republicanagem, ou porque pretenderam libertar o paiz de um regimen que taes violencias permitte, ou simplesmente porque não admiram o sr. Affonso Costa e mais os seus socios e sucios.

E não nos consta que o Seculo tivesse escripto qualquer vibrante e altivo artigo contra violencias, muito mais revoltantes ainda do que a que se fez agora contra o Club dos Restauradores, como não nos consta que, áparte a Nação e o Dia, em todo esse respeitavel Sagrado Tribunal que para ahi sentenceia diariamente, apparecesse qualquer gazeta que contra taes tropelias manifestasse um bocadinho muito pequenino que fosse de toda essa vibrante indignação que em todas ellas agora explodiu pelo assalto ao tal Club que, pelas razões apontadas no nosso ultimo numero, ou é de batoteiros ou é de maricas, o que o torna em qualquer dos casos muito pouco sympathico.

Mas ha mais, como o nosso constante lei-

tor vae vêr.

Esse Manuel Lourenço Godinho é, ou foi, como disseram os jornaes, commandante do batalhão de voluntarios 5 de Outubro. Ora como varios illustres cavalheiros hoje perten-centes ao Parlamento poderão informar, e como o poderão attestar certos briosos ornamentos do audaz exercito luso, pertenciam a esse valente batalhão os individuos que, em 8 de Janeiro de 1911, as altaram as redacções do Liberal, do Correio da Manhã e do Diario Illustrado, destruindo todo o mobiliario e todo o material typographico, e cremos não ser uma inexactidão o dizer que d'esse grupo de assaltantes faziam parte dois dos que foram agora interromper o solo pacato ou a batota dos socios do Club dos Restauradores.

Ora nós damos ao nosso constante leitor uma duzia de queijadas de Cintra e um pas-tel tão pastelão como um discurso do sr. Antonio José d'Almeida, se for capaz de descobrir em todo o Sagrado Tribunal d'essa epoca um unico artigo, uma unica local, que significasse outra cousa que não fosse ap-plauso ou concordancia com a violencia que então se praticára.

A não ser a Nação, em Lisboa, e a Palavra, no Porto, nenhum outro jornal diario teve palavras de protesto contra esse assalto a

tres jornaes.

As Novidades, por exemplo, que se publi-cavam então, com a mesma direcção e a mesma orientação que hoje teem, e que se têm mostrado tão revoltadas, tão suffocadas de indignação por causa do assalto ao Club dos Restauradores, — as *Novidades*, diziamos nós, não só não protestaram contra o assalto a esses tres jornaes, a respeito do qual se limitaram a dizer medrosamente... que o não approvavam, mas ainda desceram á baixeza nunca vista, apezar de tudo, em jornalismo portuguez, de no dia seguinte publi-carem uma nova local dizendo que imprimindo-se o Correio da Manhã na machina das Novidades, esse jornal não se tornava a imprimir n'aquella machina.

Quer o nosso leitor que nos associêmos a uma imprensa que com tal baixeza procedeu quando foi do assalto pelo batalhão d'esse mesmo Manuel Lourenço Godinho ao Liberal, ao Correio da Manhã e ao Diario Illustrado, que tão vibrante de indignação, tão offendida, tão receosa se mostra agora, em nome da liberdade, porque esse mesmissimo Godinho e mais a sua troupe assaltaram um Club qualquer onde ou jogavam algumas dezenas de batoteiros ou então algumas dezenas de maricas se deixaram roubar por dois ou tres

Então o nosso leitor constante quer que a gente vá associar-se nos seus protestos com uma imprensa que não protesta contra assaltos a tres jornaes e que se levanta em pezo protestando contra um assalto a um Club de batoteiros ou de maricas?

Não... Isso tenha paciencia o nosso leitor,

mas não o fazemos.

A nossa indignação e os nossos protestos guardamol os para os patentear e para os fazer sempre que se deem assaltos a jornaes, a presos, a cidadãos, que teem tido a desventura de não receber da maioria da imprensa portugueza as provas de consideração e de solidariedade que lhe teem merecido os batoteiros ou os maricas do Club dos Restau-

Foi uma violencia que se commetteu? Crêmos que sim. Ou se tratasse de um assalto para roubar o dinheiro que havia no Club ou se tratasse de um assalto da policia repres-sora do jogo, a fórma como aquillo se fez e os resultados que teve, foram violentos e inde-

Mas muito mais violentos e muito mais indecorosos foram os assaltos que se fizeram aos tres jornaes a que nos referimos, que se teem feito ás residencias de pessoas suspeitas de thalassismo, que se deram aos carros que conduziam presos alguns conspiradores, que se praticaram em Cabeceiras de Basto e nos quaes foram roubadas varias importantes quantias, e como ainda ha dias se fez em especiaes condições de perversidade em S. Ju-

E não vimos e não vêmos que n'esses jornaes, cuja nobilissima attitude o leitor constante nos cita, explodisse - áparte a Nação e o Dia, fallando apenas dos jornaes diarios, contra taes miseraveis attentados uma tão vibrante e altiva indignação como aquella que os invadiu ao terem conhecimento do assalto ao tal Club dos Restauradores.

E' inutil, portanto, o leitor constante conti-nuar reclamando o tal artigo indignado e citar-nos a attitude do Sagrado Tribunal.

O Sagrado Tribunal procede como muito bem quer e nós procedemos como muito bem entendemos.

E tem succedido quasi sempre procedermos de modo differente d'aquelle por que procede o mesmo Sagrado Tribunal.

Com o quê, humildemente o confessamos aqui, nos não envaidecemos, mas em todo o caso muito nos honramos.

Em Moçambique

Conta o Intransigente que em Porto Amelia, provincia de Moçambique, esteve de visita uma canhoneira allema e que pelos empregados da Companhia do Nyassa foi fornecida ao commandante do navio uma nota com a descripção do armamento, guarnição e posição dos postos militares.

Pergunta depois o Intransigente se o sr. ministro das Colonias sabe do caso.

Não sabe, não, senhor, porque se soubesse já tinha mandado mudar o nome ao Porto

Amelia, por lhe parecer thalassa o nome. E por ahi se ficaria, pois em toda a noticia do Intransigente, o sr. Almeida Ribeiro só veria de grave o ter o porto o nome da Mãe de El Rei.

Ao resto não ligaria importancia. Então o Intransigente não conhece o sr. inistro das Colonias ?

Suspensão de jornaes

Foi suspenso o Syndicalista. Protestamos.

Podiamos deixar de protestar, como o jornal agora suspenso deixou de protestar tambem contra a suspensão de varios jornaes conservadores.

Mais ainda... Podiamos até felicitar o partido que o Syndicalista representa e as associações de classe n'elle interessadas, porque não vêmos razão para suppor que lhes tenha sido desagradavel, quando dado com um jornal seu, um facto que tanto lhes agradou quando dado com outros jornaes.

Mas protestamos e protestamos energica-

Não tem o Syndicalista que nos agradecer, e o nosso protesto não deve influir de qualquer maneira, quando voltar a publicar-se, na expansão da sua alegria se a navalha da lei nos vibrar alguma vez o mesmo golpe que lhe vibrou agora.

O facto de protestarmos contra a sua suspensão não implica de modo algum o dever da sua parte de protestar contra a nossa, se tão lamentavel facto se der.

Não protestamos por interesse, nem para lhe sermos agradaveis.

Protestamos porque se isto continua assim o sr. Affonso Costa dá com a Republica em terra, antes do sr. Antonio José d'Almeida subir ao poder.

E nós desejamos que o sr. conselheiro Antonio José d'Almeida seja presidente do

Desejamol-o, porque, sem um ministerio presidido pelo chefe do evolucionismo, o programma do espectaculo que a Republica tem dado ao mundo ficaria incompleto, pois ao numero sensacional dos cavallos aos pinotes em meio da arena, deixaria de se seguir o numero hilariante das palhaçadas pelos clowns da companhia.

Protestamos, pois, contra a suspensão do Syndicalista. -----

Desprezo

O sr. Affonso Costa disse ha dias no Parlamento que desprezava os garotos que garatujam a carvão em certa imprensa da provincia e os malandros que escrevem em folhas do capital.

Sempre desconfiamos que o sr. presidente do conselho tinha um grande desprezo pelos jornalistas do seu partido.

O que não suppunhamos, ainda assim, é que o dissesse tão claramente emquanto estivesse no governo.

Justo é porém dizer-se que nem todos os jornalistas do partido democratico são como os redactores dos dois jornaes a que Sua Senhoria está mais intimamente ligado.

Alguns são ainda peores. Sem intuito de lisonja o dizemos.

Perder tempo

O sr. Machado dos Santos, director do Intransigente, heroe da Rotunda, commissario naval com honras de capitão de mar e guerra e proveito de almirante, tornou publico o proposito de alojar quatro balas na cabeça do nosso estimavel collega, sr. Moreira de Almeida, ou de o pendurar pelo pescoço n'um candieiro de illuminação publica, se alguma potencia estrangeira, por instigações do brilhante jornalista que dirige o Dia, transpozesse as fronteiras portuguezas para collocar no throno de Portugal um rei, ou para tomar conta d'este cantinho da Europa, onde, apezar de tudo, e com estremo agrado o constatamos, ainda ha algumas pessoas que vivem sem ser no fundo dos carceres ou nas cellas da Penitenciaria.

Não somos felizmente dos que se deixam levar pelas primeiras impressões, e a extranha declaração pelo sr. Machado dos Santos feita de seu sinistro intento não nos fez perder o sangue-frio necessario para reconhecermos logo, que o illustre director do Intransigente não é tão sanguinario e tão feroz, que não tenha posto á sua terrivel ameaça uma condição que torna impossível a execução

do seu tetrico proposito. Uma intervenção estrangeira só se poderia dar em Portugal se os elementos monarchicos não tivessem força para, na devida occasião, atirarem de pantanas com o sr. Machado dos Santos e mais todos aquelles illustres cavalheiros que Sua Senhoria, lá da Rotunda, atirou para a governação do paiz e que hoje, por si, não tem força, nem prestigio, nem auctoridade para derrubar, embora todos os dias de a entender que o vae fazer... no dia seguinte. Só n'esse caso a intervenção se daria pela impossibilidade que a Europa reconheceria então de fazer entrar na ordem este pequenino paiz, que está incommodando e aborrecendo toda a gente, com a sua falta de tino, com as suas selva-

gerias e os seus disparates. Então sim, se nem mesmo quando vissem imminente essa intervenção, se nem mesmo quando sentissem muito proxima a queda do paiz no abysmo para que o impellem todos esses senhores que para ahi mandam e disse nem n nesmo perante essa ameaca nñem. tremenda, os monarchicos, que são a grande maioria do paiz, sentissem a força e o impeto necessarios para varrer a feira d'essa Republica que na Feira de Agosto teve o seu inicio, então sim, seria inevitavel essa intervenção, contra a qual poderiamos nós, mo-narchicos, protestar porque não a queremos, nunca a quizemos e nunca a pedimos, mas contra a qual não podem protestar os republicanos que essa intervenção estrangeira pediram, e que ainda hoje lá teem fóra como seu delegado e como seu propagandista o sr. Magalhães Lima, que, ao lêr recentemente a noticia da execução dos bandidos da quadrilha Bonot e Garnier, não terá deixado de se recordar do homem, a esses bandidos liga-dos, que, no tempo de João Franco, se encar-regou de fazer chegar ás mãos das principaes personalidades lá de fóra, a circular em que o sr. Magalhães Lima pedia a intervenção estrangeira em Portugal, perguntando-lhes se não era tempo já dos governos europeus in-

tervirem nos negocios internos portuguezes. Mas, felizmente, ha ainda em Portugal o brio bastante e o patriotismo e a força suffi-ciente da parte dos monarchicos para, chegada a devida occasião, levarem o paiz a sacudir toda essa republicanagem que, verdadeiros parasitas, se lhe cravou no corpo a

sugar-lhe o sangue.

Não ha-de pois haver novidade e a intervenção estrangeira não se dará, nem mesmo que os republicanos encarreguem de novo o sr. Magalhães Lima de a pedir.

E, portanto, não haverá occasião para que o sr. Machado dos Santos, demorando alguns momentos a sua partida ao encontro das forcas européas ou o seu embarque no primeiro paquete a sahir para o estrangeiro, se entregue ao sinistro divertimento de alojar balas na cabeça seja de quem for ou de pendurar os seus concidadãos nos candieiros da illuminação publica, que, de resto, moderna-mente teem uma fórma que não facilita muito a execução de brincadeiras d'esse ge-

Mas, com a devida venia, permittimo nos observar que não vale a pena estarem todos os nossos illustres collegas a perderem tempo com lerias como essas de intervenções estrangeiras, que ninguem deseja, ninguem pede e todos, - a não ser os republicanos, - regeitam; como essa de reis impostos pelos go-vernos europeus; como a de divergencias entre monarchicos sobre as pessoas que devem ser chamadas ao throno de Portugal, porque tudo isso são devaneios com os quaes não vale a pena perder tempo, porque só quem estiver absolutamente cego ou for absolutamente tolo, é que não vê, clara, niti-damente, o seguimento que as cousas vão tendo, e qual o resultado que ellas hão-de ter fatalmente, quer a Ex.mª Carbonaria, com o sr. Luz d'Almeida á frente, ou atraz, ou ao lado, o queira, quer não queira; ainda que houvesse, o que não ha, divergencias entre os elementos monarchicos de valor; e ainda que fosse possivel, o que não é, aos republicanos sustar a fallencia estrondosa e vergonhosa do regimen que o sr. Machado dos Santos, sem dar por isso, implantou e que o paiz, por distracção, deixou implantar. Com mais ou menos contorsões, com

mais ou menos caretas, o regimen actual tem de dar, mais dia, menos dia, o mergulho fatal no lameiro que os seus homens teem estado a juntar cuidadosamente, e ainda que, por algum tempo, se lhe veja o espernear, a asphyxia virá rapida e a filha da Feira de Agosto dará a alma, se é que a tem, a qualquer creador de gado, que a

mandará para o guano. E então, El-Rei D. Manuel voltará a Portugal, que o receberá festivamente, e a Monarchia Portugueza continuará, apoz um interregno de alguns mezes, e a sua obra de rejuvenescimento da Patria, da consolidação engrandecimento do seu dominio colonial, do estreitamento das suas relações internacionaes e da sua regeneração, economica, fi-

nanceira, social e politica. E tudo isto se ha-de passar, se Deus quizer, sem complicação nem conflicto de maior, apenas com dois ou tres ataques de nervos do sr. João de Menezes, um ou dois palavrões do sr. Brito Camacho, varias assobiadellas ás botas de certos nunca jámais em tempo algum assaz cantados audazes campeões republicanos, e sem que o sr. Machado dos San-

tos dispare a pistola.

Ora se todos nós, monarchicos ou republicanos, heroes do mar ou bichinhos da terra, militares ou paizanos, ricos ou pobres, car-bonarios ou carvoeiros, religiosos ou livres pensadores, sabemos muito bem que guem, absolutamente ninguem, póde já hoje evitar a queda da Republica e a restauração de El-Rei D. Manuel no throno de Portugal, para que ha-de estar o sr. Machado dos Santos a dizer falsamente que o sr. Moreira de Almeida quer a intervenção estrangeira, e o sr. Moreira de Almeida a dizer que a não quer tal, quando afinal ella não se dará, não porque esses dois illustres jornalistas a queiram ou deixem de querer, mas porque a queda da Republica e a restauração da Monarchia são uma segura garantia para todos os governos europeus de que Portugal entrará n'um caminho de honrado e digno traba-lho, que lhe permittirá mostrar ao mundo inteiro, que este pequeno paiz, pelo respeito de si proprio, se sabe impôr ao respeito dos outros.

Os presos politicos

Recebemos de um preso politico uma carta amabilissima com algumas considerações acerca de assumptos que de ha muito é nosso

desejo tratar, mas que só hoje podemos começar tratando.

Temos tido uma grande difficuldade em conseguir retratos de presos políticos e elementos seguros para a seu respeito fazermos as considerações e as noticias desenvolvidas que desejamos fazer, e taes difficuldades não as podem avaliar aquelles que ignorem as circumstancias em que somos forçados a fazer este semanario e a lucta que temos para conseguir os elementos que desejamos, e de que precisamos, para podermos fazer a histo-ria das verdadeiras condições em que se deram varias prisões e em que tem decorrido a vida de muitos dos presos politicos.

Junte se a isso o natural receio, por não lhes podermos fallar directamente, de com-metter alguma involuntaria indiscreção ou algum erro de informação que por acaso os possa prejudicar, e comprehender-se-ha porque só hoje podemos iniciar a serie de artigos que ha muito projectamos a respeito dos pre-sos políticos e a publicação dos retratos de grande numero d'elles.

Desejariamos bem que todos aquelles monarchicos que nos pudessem fornecer photographias e informações a respeito d'esses presos, o fizessem, facilitando-nos assim o cumprimento do grato dever que temos de prestar a nossa enthusiastica e enternecida homenagem de admiração e de respeito áquelles que teem sido victimas do odio estupido e da cruel selvageria dos serventuarios de um regimen que, como com tanta razão dizia ha pouco El-Rei D. Manuel na sua entrevista com o sr. Annibal Soares, pela crueldade procura manter-se, o que só fazem os governos que se sentem execrados e inseguros.

Assim o trabalho tão difficil nas condições em que o fazemos nos seria extremamente facilitado e a nossa homenagem a esses que tão nobremente estão soffrendo pelas suas crenças e pelas suas convicções, seguiria sem interrupção em artigos successivos.

Falla-nos esse preso politico de outro assumpto, contra o qual o pômos a elle, e aos seus companheiros de prevenção, pois está constituindo uma especulação da parte de alguns monarchicos, que infelizmente ainda se não resolveram a passar para a Republica, e que passam o seu tempo a especular, incitados pelos republicanos, com preten il-das divergencias, n'uma campanha de demo-lição que nem ao menos tem a explical-a uma sincera convicção de que possivel fosse aquillo que elles dizem desejar, pois elles, talvez melhor do que ninguem, bem sabem que em Portugal a situação só comportava duas soluções: a continuação da Republica, o que é absolutamente impossivel pela fallencia completa do regimen e dos seus homens e pelas razões de caracter nacional e de caracter internacional que Ayres de Ornellas tão brilhantemente tem exposto em alguns dos seus artigos, ou a restauração da Monar-chia, pela nova acclamação de El-Rei D. Manuel, unico que o paiz reconhece como rei, unico que o paiz como rei acclamará logo que consiga libertar-se do jugo brutal a que está sujeito, como foi o unico que acclamaram todas as povoações em que chegou a haver levantamentos monarchicos.

Pretender especular com suppostas diver-

gencias e tentar assim dividir e enfraquecer as forças monarchicas, como ainda ha pouco o fez o *Intransigente* attribuindo inexactamente ao Dia tendencias battenbergistas e como o têm feito outros jornaes republicanos, attribuindo aos miguelistas propositos e divergencias que n'elles, estamos certos, não existem, desejosos como estão elles e como estão todos os mona chicos de fazerem terminar este doloroso periodo que em tanto perigo tem posto o paiz, — é obra que só moperigo tem posto o parz, — e obra que so mo-narchicos d'aquelles que queriam organisar partidos de combinação com o sr. Affonso Costa ou com o sr. Antonio José d'Almeida, poderiam tentar para, como ha tempos disse-mos n'um nosso echo, terem no momento opportuno, para elles, elementos cuja submissäo negociassem.

Contra taes especulações, que os republi-canos, como se tem visto, incitam, preveni-mos todos os monarchicos sinceros.

Ninguem mais que El-Rei D. Manuel tem trabalhado para que a sua Patria entre n'um periodo de felicidade, de paz e de prosperidade; ninguem mais do que elle se tem interes-sado e se tem preoccupado com a sorte e com a situação de todos aquelles que á causa monarchica se teem sacrificado e por ella

Não o podem avaliar e não podem saber completamente os monarchicos, como o não póde saber o paiz inteiro, porque não é este o momento de dizer tudo o que El-Rei tem feito, tem supportado e tem trabalhado. Varias vezes aqui temos dito que está por

fazer a historia monarchica d'estes tres annos. Ha-de fazer-se, e quando ella se fizer a todos justiça se fará tambem.

Até lá, podem contar-se episodios, podem fazer-se referencias a este ou aquelle facto, prestar-se homenagem a este ou áquelle luctador, mas historia completa e inteira justi-

ca, só quando a libertação do paiz for um fa-cto, será possivel fazer-se.

Deixem, pois, os monarchicos, e ao preso político que nos escreveu nos dirigimos, que para ahi corram á solta boatos e phantasias, que os republicanos inventam e que alguns monarchicos espalham. Boatos só podem pre-judicar... quando se acredite n'elles.

O melhor, portanto, é não acreditar em

-E depois?

- Depois, não podendo voltar para traz fui para a frente.

-E como sahiste afinal de Portugal ? Em hydroplano?

— Por mar, n'um vapor que tomei em Lisboa e me trouxe a Vigo. — Lisboa? Tu vens de Lisboa?! O' Gon-

calo, você está encarregado de me dizer se eu estou acordado. (É o tenente Saturio Pires voltou se para Antonio Graça): mas tu d'onde vens agora, para onde vaes e o que vens cá fazer?

— Eu, de Vigo, fui para Verin, onde estou ha um mez com o capitão Lobo. Agora o capitão Lobo sahiu n'uma missão especial, e eu, d'accordo com elle, vim apresentar-me ao

tenente de Mogueimes. - Está apresentado. Deixa-me fazer um cigarrinho, e sou todo ouvidos... Cá está a bolsa de tabaco, cá está o livrinho de mortalhas... prompto! conte, conte que o seu contar tem graça, seu Graça!

> Disfarçados de mendigos, Antonio Graça e Vaz Preto atravessam estradas e povoações das Bei-

Antonio Graça ia a historiar a temeraria incursão do capitão João d'Azevedo Lobo pelas Beiras.

-Já se cá sabe! resmungou Gonçalo Mei-

-Conta os teus milagres e aventuras depois que te separaste do Lobo — marcou Sa-

— Sabem que quando chegamos a Mon-santo — , perguntou o Graça — , fomos ter a um casinhôlo, onde deviamos encontrar...

-Sacos d'adubo chimico -, completou Gonçalo Meirelles.

— Bem. Antes de entrarmos no casinhôlo,

o frio de que nos haviamos tomado durante noite fora tal que nos deitamos ao sol. Quando batemos á porta do dito casinhôlo, um creado perguntou o que queriamos, e, depois de saber quem eramos, recommendou-nos que nos fechassemos por dentro, porque estava tudo perdido: os principaes chefes de Castello Branco já haviam sido presos, outros tinham ido para Hespanha. D'ahi a pouco chegou outro creado que foi a Monsanto buscar-nos alguma coisa de comer. Estavamos agoniados de fraqueza. Comemos uma bucha de pão e um queijo que nos pareceu o melhor queijo d'este mundo. Discutiu-se o que se havia de fazer. O capitão Lobo, desesperado, nem pensou em voltar para traz. Mas ir para a frente, como? O automovel, que o Vaz Preto mandara estar alli, não apparecia. Eu, então, lembrei que indo algum ou alguns de nós á frente, talvez encontrassemos na Louzã, terra de Vaz Preto, o automovel; que se assim succedesse, correriamos a buscar o capitão Lobo. Concordou Azevedo Lobo em que fossemos eu e o Vaz Preto. Mas surgiu logo uma terrivel difficuldade: Vaz Preto é conhecidissimo por aquelles sitios, e mal désse meia duzia de passos seria preso e eu com elle: «Só se nos desfigurassemos, vestindo nos de mendigos», lembrou um de nós, a rir. E afinal foi o que se fez: um creado foi buscarnos fatos velhos de mendigo...

- Mas mendigos, de verdad? quiz saber

o tenente Saturio. -De authenticos mendigos! e d'ahi a meia hora, o moço voltava com os fatos e com uma burra que nos prestou um servição. — Descreve lá a farpella!— intimou Gon-

calo Meirelles. - Oiha, o meu fato constava: d'uma camisa de saragôssa grossa, sem botões, dei-

xando vêr o peito.

— Camisa de Zé Povinho, vamos para deante! — resumiu Saturio.

— Depois, umas calças de briche, muito estreitas e muito curtas, que me davam pelo meio da perna, onde começava o cano d'uma bota grossissima, com dois pregos no tação que me fizeram dois buracos nos calcanhares. Um collete enorme, de burel sujo e ve-lho; por casaco, uma jaléca curta, com coto-vêlos rôtos, cheia de remendos a desfazer-se.

Na cabeça, um chapeu d'aba larga, sem fita, sem fórma, um feltro cheio de sebo. Vaz Preto mascarou-se, como eu, de mendigo, com um fato parecido. A barba que já ia crescida, ajudava a dar-nos um parecer mal tratado; para acabar a caracterisação, mascarrámos a cara com terra. Mas Vaz Preto, não sei se conhecem? é um rapaz, mais baixo do que eu, cabello e bigodito preto, morêno, e umas maçãs de rosto rosadas como camoêzas. De modo que por mais que esfregasse a cara com terra, o rosado da cara apparecia sempre atravez o sujo. Nós, como podem imaginar, estavamos todos tristissimos; pois, mesmo assim, quando acabámos de vestir-nos, desatou tudo a rir: eramos dois pobretanas, d'esses a quem até ladram os caes das quintas. Mettemos a nossa roupa de paivantes, as nossas botas, as pistolas e os chapeus com os distinctivos monarchicos dentro de um sacco de serapilheira, muito sujo, atirámos com o sacco para o lombo da burra, uma burra de pobre de romaria, e de cajado em punho seguimos, juntos, por Monsanto a Medelin, S. Miguel e outras freguezias até á

- Oh! Graça! (interrompeu o tenente Saturio, a rir): Nós estamos por cá muito po-

bresinhos, mas se tu tens um postal vestido

de mendigo, eu compro.

— Infelizmente, a certa altura tive de abandonar o sacco e perdi o fato de mendigo, senão com todo o gosto tiraria um retrato. Mas, como la dizendo, salmos juntos da Serra de Monsanto, o Vaz Preto e eu. Eram dez ho-ras da manha d'um bello dia de sol. Pelo caminho, cruzámos com dois carvoeiros, montados em burros, que, vendo-nos tão sujos, nos tomaram por camaradas, e nos pergun-umas cargas!...» Mais adeante, passámos por um dos feitores do Vaz Preto que o não reconheceu, e só nos deu a salvação tradi-cional das estradas de provincia. Foi uma das nossas primeiras victorias: passar por uma pessoa conhecida, sem sermos reconhecidos. A jornada durou todo o santo dia: meia hora ia um na burra, meia hora ia outro. Mas com a caminhada da vespera, que já tinhamos nas pernas, desde a fronteira á Serra, por uma esplendida noite de luar, chegamos es-

falfados e cheios de fome. — E eu que me esqueci de te offerecer o desaynno! — atalhou Saturio Pires, impressio-nado, como se o narrador ainda estivesse curtindo aquella fome.

Muito obrigado, eu já tomei leite.
 Pois, sim, mas de Verin aqui fizeste bem jus a outro desaynno.

E o tenente Saturio bateu as palmas, gritando:

— Pagem!... Um rapazito dos seus treze ou quatorze annos accorreu com uma bota e uma escova de graxa na mão, e, dando com Antonio Graça, saudou na humildade provinciana: — Bons dias a V. Ex.^a!

Traga um desaynno para este senhor; e, já sabe, na almoçadeira rica.

— Saberá V. S.ª que trago — respondeu, rodando, o rapazito, em cujo olhar havia essa esperteza que a necessidade desenvolve desde cedo no desherdado.

— Tu` não conhecias o meu «Pagem»?

perguntou o tenente Saturio.

- Não, não conhecia!

Então, Saturio Pires contou:

— Este rapaz é d'aqui de ao pé de Chaves. Quando foi da primeira Incursão, o pae mandou-o saber do irmão que estava alistado cá na columna. O rapazito veio vindo, veio vinda traz da columna. O rapazito velo vindo, velo vindo atraz da columna, sempre na nossa peúgada, mas quando chegava a uma povoação diziam-lhe: «Sairam hontem á noite!» «Foram esta manhã embora!» Até que nos apanhou em Porqueirós. Levei-o ao commandante que o esteve ouvindo, e depois perdi-o de vista. Um dia, aqui em Mogueimes, já nem me lemprava d'elle. brava d'elle, apparece-me o rapaz encostado ahi á humbreira da porta: « Tu que estás aqui a fazer, rapaz? » disse lhe eu. - «Sou o irmão d'um soldado que está na columna, por quem perguntei a V. S.ª em Porqueirós.»— «E agora?» «Agora não quero ir para Portugal...» — «Tens medo?» — «Saiba Vos'soria que não. E' que já vi o sr. Paiva Couceiro, não deixo mais a columna. » — « Mas porque não estás com o teu irmão ? » — « O meu irmão

está com a gente de Verin, e eu então vim vêr se Vos'soria me deixava cá ficar.» Enterne-ceu-me o rapazito, achei interessante aquella alminha de garoto, miniatura do nosso povo, já com o fanatismo pelo commandante mettido nos ossos, e appeteceu-me adoptal-o. Mas não o podendo sustentar, pedi licença ao commandante para o alistar, o Couceiro auctorisou, e o rapaz ahi está alistado, é o

nosso impedido, o « Pagem ».
— Senhor tenente! . . . — respondeu do corredor o rapaz, suppondo que o chamavam Já agui vae.

E entrou no quarto com o desaynno. - Esta almoçadeira -, explicou o tenente Saturio -, é o luxo cá da casa, a baixella

das visitas, o serviço de prata, o sophá. Mas Antonio Graça não ouvia, muito intrigado com o « Pagem » que se collocára na frente d'elle, calcanhares unidos.

- São as venias do estylo! explicou o te-

nente Saturio Pires. O rapaz mesurou tres vezes, e sahiu, deixando o official e os ajudantes a rir, com

bom humor, da gravidade do « Pagem ». E Antonio Graça, com a alcocadeira em cima do joelho, proseguiu:

- Ahi pelas nove da noite chegamos ao termo d'essa jornada. Vaz Preto ficou n'uma freguezia, eu segui, na burra, para outra povoação proxima, onde tinha um amigo. Chegado a casa d'esse amigo, bati, o dono da casa veio á janella, e não me reconheceu. Como a visinhança estava por alli, a conversar ás portas, ao « Quem é ? », respondi cá de baixo: « Um amigo! ». O homem retirouse para dentro, tornou a assomar, com o fi-lho, e eu disse: — « Ah! O' Eugenio! » Co-nheceram-me a voz, e o pae mettendo-se para dentro, disse, muito impressionado, para a filha: — « Já sei quem é : é o Graça! Coita-do! Vem miseravel!... » Assim que entrei na sala de visitas, n'aquelle traje, não me souberam dizer nada, tal a surpreza de me vêrem assim sajo, e andrajoso, Expliquei-lhes então que era um disfarce; ficaram muito contentes; fômos cear, e, depois de muitos: « Pois é verdade! Se o Couceiro foi feliz na

entrada...», deitei-me cançado.

A Segunda Incursão Monarchica

OITO MEZES NA GALLIZA

ROMANCE D'UMA FUGA



Antonio Gagliardini Graça Ajudante do capitão João d'Azevedo Lobo

As chuvas entraram por janeiro. Se a luz schistosa da região já é triste, o inverno mais a aggrava, e por alli tudo parece o scenario d'uma catastrophe. As aguas da chuva alagam os campos e os atalhos; só lá de longe em longe se vê passar um vulto humano, a espinha dobrada ao temporal; e as casetas improvisadas a pedra solta, de mal com o prumo, negras da refracção do schisto, negras pelo fumo, negras da chuva, dão a impressão de que um incendio ou um terra-

moto devastou o logarejo.

O fumo que sae pela chanfra do telhado
não dá o meigo signal d'um lar proximo,
mas a tragica suggestão do rescaldo d'uma calamidade que passasse arrazando as pedras e emmudecendo para sempre a creação.

Aquella chuva completava a desolação. Era a chuva que segue na esteira maldita do tufão e, sobre o devaste dos incendios, con-

fusiona e empeça os escombros carbonisados, espesinhando-os, reduzindo-os a lama.

As povoações do partido de Bande viviam essas horas de morte e de sinistro, quando Antonio Graça bateu á porta do tenente Saturio Pires, em Mogueimes. Ia adeantada a manhã. Já tinham batido as dez. Dentro de casa, como fora pão se sertia piguero. So casa, como fóra, não se sentia ninguem. Só se ouvia a chuva na pedregulhagem da povoação. Fazia um frio d'abandono. Antonio Graça tornou a bater; de dentro uma voz estremunhada perguntou:

— Quem está ahi?
— O Graça, meu tenente.
— O Graça...? Qual Graça?

- O Antonio Graça.

Antonio Graça entrou no quarto, Saturio Pires procurou os óculos, por cima da cadeira que tinha ao lado da cama, ás apalpadélas de myope, e, apetrechado, das lentes reconheceu o visitante:

- Mas então tu...? Eu^{*}fazia-te na Peni-

-Quem é que... está... na Penitenciad'uma cama de ferro, ao lado, um homem com o cobertor de pápa até aos olhos.

- Acorde, seu Gonçalo! (ordenou Saturio Pires. E explicou, para Antonio Graça): — E' o Gonçalo Meirelles.

Tambem Gonçalo Meirelles quiz saber como Antonio Graça estava alli, eni Mogueimes.

— Ponha já para ahi esse folhetim, seu Graça! (commandou o tenente Saturio) Quanto mais não seja para eu ter a certeza de que és tu que estás em Mogueimes, ao pé da minha cama e não sou eu e o Gonçalo que acabamos de ir ter comtigo á Penitenciaria.

Antonio Graça pediu que o deixassem desembaraçar da manta e do chapeu. Estava encharcado. Batera muito tempo á porta, chegára a julgar que não havia fôlego vivo n'aquella casa. E procurava um cabide para pendurar a manta.

-Pousa ahi no chão. Cabides não ha. Para não estragar as paredes com os pregos ... -, explicou o tenente Saturio Pires. Então, Antonio Graça sentou-se na borda

da cama, prompto a narrar. - Antes de mais nada: tu entraste com o capitão Lobo, pelas Beiras, na primeira incursão, não entraste?

Joaquim Leitão.

A Egreja e o Edito de Milão

Recebendo ha dias os dirigentes das peregrinações francezas a Roma por occasião das festas com que na cidade eterna se celebra o 16.º centenario da publicação do Edito de Constantino, o Cardeal Amette, referindo-se á situação que a lei da Separação creou em França á Egreja, exclamava: «Oxalá um novo Edito de Milao possa um dia dar á Egreja essa liberdade á qual ella tem indeclinavel direito!»

Acontece que das disposições da medida legislativa tomada pelo poder civil ha 16 seculos ácerca da Egreja Catholica, haveria muita lição a tirar, na perseguição actualmente desencadeada contra o Catholicismo em França e especialmente entre nós, ácerca da situação da Egreja, quando e onde exista a ver-dadeira liberdade.

De facto, o celebre Edito de Constantino comprehende dois generos de disposições: garante por completo aos christãos a «liberdade de professar e seguir a sua crença» e reconhece á communidade christa, á corporação, isto é, á Egreja, o direito de proprie-

Em que termos eram dados e porque fórma garantidos estes direitos essenciaes e basilares?

« Declaramos, são os termos do de-« creto, com deliberado e prudente con-« selho, que a ninguem ha de impedir-« se de abraçar a religião christã ou « outra que lhe pareça, derogando com a « presente as disposições tomadas a res-« peito dos christãos em rescriptos an-« teriores e estabelecendo pura e sim-« plesmente que todos os que queiram * praticar o Christianismo o façam sem « ser molestados ou maltratados.

« Tenham pois os christãos uma abso-« luta liberdade de praticar e seguir a « sua religião, e o mesmo dizemos para « assegurar a paz do Imperio, das outras « religiões e seitas. Adorem todos e cada « um a Divindade, como melhor enten-« dam, já que não é nossa intenção res-« tringir nem coarctar de fórma alguma « as homenagens que Aquella tributem. »

Note se desde logo e em geral o objectivo do Legislador: a paz do Imperio, o bem publico, a ordem, o socego, a tranquillidade sem a qual não ha progresso nem trabalho possiveis. Essa affirmação lê-se logo no Preambulo do decreto: a liberdade religiosa é concedida para o bem da Paz Publica, para garantir a Segurança dos Cidadãos, até então injustamente molestados por causa das suas crenças. Essa liberdade implica pois ao mesmo tempo a tolerancia.

Tem sido deveras muito discutido o sentido d'essa tolerancia recommendada

e ordenada no decreto.

Disse-se que os apologistas christãos dos primeiros seculos quando reclamavam a liberdade para a sua religião, o faziam já em nome da tolerancia, considerada como um direito natural; isto é, affirmavam e proclamavam como direito individual a liberdade de pensar, o que implica naturalmente tambem a de crença e portanto a da pratica da mesma

Ha por outro lado quem affirme que essa explicação modernisa, para assim dizer, o pensamento do diploma; que a ideia romana, ao traduzir-se na expressão « não faltar ao respeito a qualquer religião » significava, não o direito do individuo a seguir a crença que professa, mas sim o direito da Divindade em ser respeitada nos seus fieis. Tal era a tradicional politica religiosa de Roma, sempre acolhedora aos deuses dos vencidos, e assim o Christianismo entrava simplesmente como egual na acceitação de todos os cultos.

Seja qual fôr a explicação, e evidentemente não somos nós que teremos auctoridade para nos intrometter em tal debate, o que é certo é a affirmação do principio, tendo por fim a paz publica, a unido entre os cidadãos do Imperio. Isto é o que nos importa reter, por ser precisamente o contrario do que conseguem os legisladores de hoje quer em França quer entre nós. E a guerra, e a divisão na Nação é consequencia de se não acceitar nem reconhecer á Egreja a sua missão, nem portanto os seus

« A Egreja, affirmava ainda ha pouco eloquentemente Pio X ao receber a Peregrinação Milaneza (4 d'Abril), é um reino que não tem outro Senhor senão Deus e que tem uma missão tão elevada que não conhece limites. Não se póde por fórma alguma admittir que o Reino das Almas esteja subordinado ao dos Corpos, que a Eternidade se torne instrumento do Tempo, e que Deus seja o escravo do Homem !»

Reconhecida a liberdade da Egreja, estabelecia Constantino o seu direito de

« Pelo que diz respeito particular-« mente aos christãos mandamos que, se « os logares em que faziam as suas reu-« niões tiverem passado para o poder do « fisco ou d'outros, em virtude d'ante-«riores disposições, sejam restituidos «immediata e gratuitamente.... Sem « demora sejam devolvidos esses bens « ás communidades dos christãos; e como « esses christãos possuiam, não como « pessoas particulares, mas em nome das « suas corporações ou egrejas, outros « bens além dos mencionados, é nossa « vontade que pelo theor do mesmo « principio, sem dilações nem subterfa-« gios lhes sejam tambem devolvidos. »

O alcance da medida de Constantino, é, como vemos d'esta citação, consideravel: não só repudia os confiscos feitos á Egreja nas anteriores perseguições, mas ordena e preceitua a sua restituição. Quando foi da Concordata de 1801, Napoleão recusou-se sempre a admittir uma tal restituição e a Santa Sé, tendo em vista a Paz Publica, obrigou-se n'esse decumento a não perturbar por fórma alguma os compradores e possuidores dos bens chamados nacionaes. Mas o que importa reter no diploma que analysamos é o direito de propriedade reconhecido e affirmado á collectividade christä, á communidade. Esse direito era assim reconhecido á Egreja em geral, considerada de per si cada Egreja como uma corporação de christãos, isto é, uma corporação cultual. Não precisou o Estado reconhecer a Hierarchia ecclesiastica, não a mencionou sequer. Mas acceitou-a desde que ella, existindo, era perante elle um facto. E' ainda assim tal qual que procede a Lei de Separação brazileira, on a Legislação Norte-Americana. Em nenhum d'estes paizes se procurou senão o que Constantino quiz dar ao Imperio - a ordem, na qual firma a nossa clemencia o sustentaculo da tranquillidade publica. - Quando pelo contrario, sob o nome de Separa ção, se disfarça, mal, a Perseguição, então procede-se como em França ou

Como já notamos, o decreto de Milão é um acto do Poder Civil, acto unilateral, isto é, não é uma Concordata, mas tambem não tem caracter algum d'uma Constituição civil do Clero. O Poder Civil legislou no terreno que lhe com-pete, e não pretendeu regular o que era fóra do seu alcance. Não perseguiu, não coarctou, não restringiu. Tornou livre e proprietaria a Egreja, como uma associação de Direito Commum. Constantino não fez obra de reacção nem de declamação. Não era um sectario nem um theorico. Nem mesmo se tira do conteúdo d'esse seu decreto celebre conclusão alguma sobre a crença que elle pessoalmente professava. Pelo contrario, o diploma é publicado em nome dos dois Augustos, Licinio e Constantino. O primeiro era pagão, e morreu pagão; Constantino reconhecia já dever ao Deus dos Christãos a victoria da Ponte Milvio, e morre convertido e baptisado.

Póde, pois, tomar-se a redacção feita em Milão, quando os dois Augustos ahi se encontravam na primavera de 313 e dividiam entre si o governo do mundo, como uma especie de compromisso entre a tradição paga representada por Licinio, e o Christianismo que alcançava o seu direito de cidade, e cuja victoria era reconhecida depois de tres seculos de luctas heroicas. Era a victoria d'um direito novo, que o Christianismo reclamava desde a sua origem, e que triumphava com elle e com elle entrava no Direito Publico. Representa directamente a obra d'um dos politicos mais realistas e mais temporisadores que a Historia conhece: e é redigido com um tacto tão exacto das condições e um criterio tão bem equilibrado, que ainda hoje a Egreja não pretende mais, nem reclama outra coisa. Acima vimos como Pio X definia a Missão da Egreja, e no mesmo discurso Elle reclama ainda para a Egreja o direito de propriedade, nos seguintes

A Egreja tem o direito de possnir, porque ella é uma Sociedade de homens e não de anjos; porque tem necessidade dos bens temporaes que deve á piedade dos fieis. Ella deve conservar a sua legitima posse, para as necessidades do seu ministerio, para o exercicio exterior do Culto, para a Construcção dos Templos, para as obras de Caridade, para viver e perpetuar-se até ao fim dos Seculos!»

E haverá que estranhar que a Egreja reclame ainda a Liberdade? ouçamos

outra vez o Papa:

· A Liberdade existe para todos menos para a Egreja. Liberdade para cada um de professar o seu proprio culto ou de manifestar os seus systemas, mas não para o catholico exposto a perseguições e a insultos e que se vê privado d'aquellas funcções ás quaes tem um direito sagrado. Liberdade d'ensino, mas submettida ao monopolio dos governos que permittem nas escolas a propaganda e a defeza de todo o systema, de todo o erro, mas prohibem ás creanças até o ensino do catecismo!

Liberdade d'imprensa, isto é, liberdade dada ao jornalismo mais violento, mas negada ao jornalista catholico que, defendendo os direitos da Egreja, os principios da verdade e da justiça, é vigiado, chamado á ordem e assignalado a todos como adversario das Instituições livres e inimigo da Patria. A todas as associações, mesmo as mais subversivas, liberdade completa de fazer publicas e ruidosas manifestações; mas não saiam das Egrejas as Procissões catholicas, porque provocam os partidos contrarios, perturbam a Ordem Publica, e molestam os Cidadãos pacificos!»

Já leram quadro mais completo e traçado com mais eloquente vigôr do que se passa entre nós? E não será indispensavel portanto um novo Edito de

Paris, Abril, 1913.

Ayres d'Ornellas.

Os bons tempos da tropa

(Absolutamente veridico)

- Ajudante!

— Prompto, Commandante!
— Traga o Registo Disciplinar referente ao n.º 1.429...

- Sim, senhor...

E o ajudante voltou pelo gabinete dentro, com o grande Missal debaixo do braço. Pô-lo em cima da secretária, folheou-o com a facilidade com que um estudante de mathematicas maneja uma tabua de logarithmos e apresentou-o aberto ao velho Coronel.

Este, encavalitou as lunetas no nariz,

franziu a testa, coçou a calva desesperadamente, molhou a penna e começon a correr o longo sudario...

- Bem bonito menino, não haja duvida... não haja duvida... O' ajudan-te, o que me diz você á chronica d'este mancebo? Hein!

E o ajudante, acquiescente:

- Fortesinho, fortesinho... O tal sr. 1.429 tem uma linda biographia. - Ora veja, ajudante, ora veja...

Que raio de castigo hei-de eu applicar a este diabo? Veja por ahi abaixo... E começou lendo:

42 dias de detenção — applicados pelo Commandante da companhia - por estar menos vigilante no posto de sentinella... - 4 dias de egual pena - idem e por estar menos vigilante no posto de sentinella, no que já é reincidente.»

E o Coronel ia-se inflamando:

- Ora vá vendo... E continuava:

€ 10 dias de detenção — applicados pelo Commandante do regimento - porque, estando de plantão aos quarteis velhos, foi encontrado a dormir, ás 2 horas da tarde, pelo sr. official de inspecção ao quartel.»

E commentava:

- O raio do homem, parece que nasceu a dormir... Vamos adeante:

€8 dias de prisão disciplinar - applicados pelo Commandante do regimento - porque, sendo encarregado do tratamento e conducção do boi que puxa á nóra do quartel, foi pouco zeleso no cumprimento dos seus deveres profissionaes, deixando a abegoaria aberta, o que originoa que o animal se soltasse e causasse damnos de relativa importancia para a Fazenda Nacional.»

E o Coronel, com uma punhada na

-Irra! Que isto é demais... demais. O' ajudante leia lá essa participação, que vem junta ao Relatorio de Inspecção.

E o ajudante leu em voz alta:

« Regimento de Infantaria n.º...

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Participo a V. Ex.² que o soldado Luiz Domingues, n.ºs 14-1429 da 2.* companhia do 2.º batalhão d'este regimento, encarregado do tratamento e limpeza do boi, que puxa á nóra d'este quartel, sahiu hontem em seguida ao rancho da tarde, deixando a porta aberta da abegoaria. Este lamentavel descuido deu causa a que o supra citado boi sahisse para a parada em grande correria, arremetendo com varias praças, que o pretendiam capturar e causando disturbios no aquartelamento e damnos materiaes e physicos não só em diversas dependencias, como n'algumas praças, que tiveram de baixar ao hospital, por ordem do sr. official de inspecção, com fracturas pelo

Quartel em Lisboa, 24 de Abril de 1887.

O sargento de dia ao regimento,

José Felix 2.º sargento.

- Hein! Então o que me diz? - Fortesinho! Precisa d'um correcti-

vo exemplar.

- Ah! Lá isso já vae vêr... Olhe mande pôr na « Ordem »: « applico 30 dias de prisão disciplinar ao soldado F., por ser menos zeloso no cumprimento dos deveres a seu cargo, falta esta em que é reincidente. » E passem'o já a prompto... Já!

- Sim senhor, Commandante!

E o ajudante sahiu pela porta fóra,

- Sargento ajudante! . . . O Alves!... Um artigo para a Ordem. To-me lá... 14 da 2.º do 2.º passa já a prompto, por ordem do nosso Commandante. E' preciso pedir ás companhias a relação das praças que tratavam de bois, lá na terra, para se fazer a pro-

Mas, de dentro do gabinete, a voz rouca e imperiosa do Coronel, outra vez gritava:

- O' ajudante!

- Prompto!

-Olhe... Tenho estado a pensar... Eu - você bem o sabe - em questões de disciplina sou intransigente . . .

- Sei perfeitamente..

-Pois muito bem... Esse tal sr. boi tambem me está cheirando mal... Já é reincidente em factos de igual natureza... Se tem vontade de pular, que vá para as lezirias. Boi de nóra tem obrigação de ser boi pacato. Que tal está o sujeito... E pensando um instan-

- Olhe... para que elle se não fique a rir, ponha-m'o tambem tres dias sem

E, satisfeito, cofiava a pera monolo-

- Elles já devem saber o meu feitio... Em disciplina sou intransigente, sou uma féra!

E o ajudante sahiu, sem saber ao certo se o velho Coronel se referia ás praças ou... ao boi...

Mas o boi foi castigado, segundo rezam as chronicas . . .

Saturio Pires.

A Africa Portugueza

Tambem figura em logar de destaque, na lista das accusações republicanas á Monar-chia constitucional, a de esta haver causado a perda de parte importante do imperio colo-

nial portuguez em Africa.

Como todas as suas congeneres, esta affirmação é inteiramente falsa. Esse imperio colonial africano, hoje uma grande realidade, foi precisamente uma das mais bellas obras de Macarabia constitucional que o edificar da Monarchia constitucional que o edificou na segunda metade do seculo xix e princi-palmente durante o reinado de D. Carlos I. Exceptuada a região de Marrocos, o Por-

tugal das descobertas e das conquistas não planeou talhar um imperio em Africa. Alvejou melhor empreza commercial e maior glo-ria christă procurando senhorear o dominio mercantil do Oriente. Na Africa contentou-se, porque isso lhe bastava, com estabelecer numerosas aguadas, e algumas feitorias.

Depois de uma experiencia de quasi dois seculos haver demonstrado serem incompor-taveis os sacrificios que a sustentação do Oriente impunha á exigua metropole, o Por-tugal da Libertação restringiu o seu plano tugal da Libertação restringiu o seu plano colonial ao que lhe era mais util e pratico. D. João IV, depois de explicar (ao enviado francez, Mr. de Jant) que só continuava a fazer despezas de gente e de cabedaes com a India, movido pelo interesse da religião catholica que temia vêr substituida pela dos herejes, juntava: e que se reputaria por mais refuiz se pessuisse menos reinos remotos que « feliz se possuisse menos reinos remotos que «lhe eram pesados e se contentaria com o «Brazil, que intitulava a sua vacca de leite, «juntamente com o reino de Angola, as pracas d'Africa, as ilhas dos Açores e Cabo Werde.

Ora quem, como nós, conheça o Brazil e a Africa, sabe bem que uma legua quadrada do riquissimo torrão sul-americano vale mais do que todo um districto de Angola ou de Mocambique e dá carradas de razão ao habilissimo soberano a cujas superiores qualidades de estadista, Portugal deve a consolidação do movimento libertador de 1640.

Durante esta segunda phase da nossa expansão, as possessões africanas, sob o ponto de vista aconomica foram como ió actá her

de vista economico, foram, como já está bem averiguado e repetidamente tem sido dito, simples succursaes do Brazil: fornecedoras

de mão d'obra para a fazenda sul-americana.

Perdurou a sensatissima orientação até ao
primeiro quartel do seculo XIX. Por essa
altura explodiu de chofre em Portugal o destructivo petardo democratico e a sua congenita incapacidade politica causou-nos, immediata-

mente, a perda do Brazil. Leia-se o relato do que se fez e disse na phantastica assembleia de demagogos que a revolução de 1820, desprezando a tradicional representação nacional, creou ao geito do jacobino manequim francez, e logo se encontrará completa demonstração do que acaba-mos de affirmar e que Pinheiro Chagas, a quem ninguem apodará de reaccionario, con-firma na sua Historia de Portugal, resumindo mas seguintes palavras a cabal explanação exarada em um capítulo inteiro: « É certo, é « incontestavel, que foram as Côrtes portuguezas que, mais do que ninguem, contribuiram para o desenlace que teve a questão hacellaire.» « brazileira. »

Mas a negregada machina infernal não se limitou aos estragos d'essa rotura; desentra-

nhando-se em gazes deleterios asphyxiou a nacionalidade durante mais de 30 annos, até 1851, com a suffocante fumarada de successivas revoluções e guerras civis. Liquidada essa contenda interna, no decurso da qual a sua funcção havia sido por completo paraly-sada, a Monarchia orientou novamente o paiz no rumo dos seus primaciaes interesses de expansão apostando-se em reconstruir-lhe um terceiro imperio colonial: então e á falta de melhor, sobre a base africana.

Não caberia nos limites de um artigo o escorço, sequér, d'aquillo que de facto era a Africa portugueza no meiado do seculo XIX nem a resenha, tão pouco, dos innumeros esforços de toda a ordem que a Monarchia constitucional desenvolveu, durante 60 annos apenas, para a elevar de uma simples expresrealidade que ella hoje é. Só a implicita lição dos numeros póde traduzir, até certo ponto, essa grande obra constructiva realisada em menos de duas gerações. De algarismos, pois,

nos vamos soccorrer.

São os orçamentos de receitas e despezas considerados como espelhos do grau attingido pela administração dos paizes. A' luz d'este criterio temos a situação passada das colonias e o seu desenvolvimento actual representa-

dos pelas seguintes verbas.

- Receitas de todo o Ultramar portuguez:

Em 1852 — 752 contos de reis Em 1910 — 12.226 contos de reis;

multiplicação das receitas em 58 annosdezeseis vezes.

Mas estavamos tratando especialmente das colonias africanas. Voltando a esse topico e restringido o exame a uma, para não alargar demasiadamente a exposição, escolherêmos a

provincia de Moçambique que melhor conhe-cemos, visto n'ella havermos servido durante 10 annos, em officios varios.

Em 1875 Moçambique inteiro tinha 248 contos de receita total e 1.656 contos de mo-vimento commercial. Em 1909 as receitas attingiam is 5.490 contos de rais a o moriattingiam já 5.420 contos de reis e o movimento commercial subia a 28.340 contos de

Ha a notar que os numeros relativos a 1909 se referem apenas aos territorios administrados pelo Estado, os quaes não compre-nistrados pelo Estado, os quaes não compre-hendem nem os districtos de Manica e Sofala, confiados á Companhia de Moçambique, nem o de Cabo Delgado, entregue á Companhia do Nyassa. Com a adjunção do trafico d'estas regiões o movimento commercial da provin-cia inteira eleva-se, para 1909, a 34.740 con-tos de reis, contra 248 em 1875. Lourenco Marques, a cidade capital da

Lourenço Marques, a cidade capital da colonia, que em 1858 abrigava 73 brancos, os-tentava em 1909 uma população europeia de 4.653 almas, dois terços da qual é constituida por portuguezes; o seu movimento bancario, em 1906, era de 4.260 contos de reis; o seu caminho de ferro, no mesmo anno, transpor-tou 411.000 passageiros, carregou 533.000 to-neladas de mercadorias, rendeu 1.265 contos de reis e teve de saldo favoravel 431 contos

de reis.

O movimento commercial entre as colonias e a metropole, que em 1861 era apenas de 1.000 contos de reis, subiu em 1910 a 27.000 contos de reis.

De 1900 a 1910 as colonias mandaram para a metropole 123.000 contos de reis de gene-ros coloniaes, productos ricos que Portugal revendeu para o estrangeiro e pelos quaes recebeu ouro; durante a mesma década as possessões ultramarinas compraram á industria e á agricultura da metropole mais de 70.000 contos de reis de manufacturas e de

Os factos são estes — e fallam por si mes-mos, dispensando adjectivação encomiastica. A sua lição traduz a ingente obra cons-tructiva realisada além-mar pela Monarchia

constitucional: a feitura do nosso actual - e ultimo - imperio colonial.

Oxalá a nação, com despedir o obreiro, não perca o fructo do seu trabalho.

As duas Escolas

Sustentava Thomaz d'Alencar, sacudindo a sua velha e ondeada juba, que todo o mal provinha «do Satanismo, do Naturalismo, do Bandalhismo e outros

esterquilinios em ismo ... » Para o poeta das Vozes da Aurora, a litteratura de Zola constituia simplesmente um assumpto que um homem de aceio e de gosto não devia mencionar deante de senhoras. «Era outra cousa, meu Carlos, continuava elle, fallando dos tempos que haviam precedido os ismos... Vivia-se. Não existiam esses ares scientificos, toda essa palhada philosophica, esses badamecos positivistas... Mas havia coração, rapaz!

Tinha-se faisca! Mesmo n'estas cousas de politica... Vê esse chiqueiro agora, essa malta de bandalhos... » O chiqueiro então começava. Thomaz d'Alencar representava a velha tradição portugueza, classica, dos rouxinoes lyricos. E quando fallava assim, com estas melancolicas palavras, Alencar testemunhava um resentimento cruciante: vêrse esquecido, posto de parte pela nova fé, o realismo, o positivismo, «a philosophia positiva do snr. Joaquim dos Mosarabes», como dizia Camillo. Alencar fallava em nome do sentimento. «Havia coração, rapaz!» Zola, o tabou realista, traduzia, por seu lado, a sua theoria, o novo espirito, (que elle julgava ter creado e inventado tão completamente como o ferocissimo Jupiter creou Venus), n'estas concisas palavras: « a hereditariedade, dizia elle, com ares de propheta intransigente e de sabio ridiculo, a hereditariedade tem leis tão fataes, tão certas, como a gravitação universal!»

Dois homens, duas theorias, duas escolas... O que ficou de tudo isto?

Cincoenta annos depois, da obra de Zola só resta a parte romantica, a parte artistica. Da hereditariedade sabe-se sobretudo que pouco se sabe. O realismo, tal como na sua barafunda mental o concebeu o auctor de La Débacle, falhou miseravelmente. Alenear, por si, deixon alguns frescos versos, algumas phrases sonoras, um leve aroma de ingenuidade, — e não creio que a sua passagem na terra trouxesse aos homens qualquer mal. De Zola, ficou a falsa sciencia, e a par d'algumas paginas maravilhosas, livros inteiros de sordida gresseria. E uma cousa ha certa: Alencar representa sentimentos nobres de desinteresse; Zola foi o patrono de ideias, de theorias que em nome da Humanidade e da Razão, desenfrearam appetites formidaveis, egoismos sem nome. Enthusiasmos, fé, crenças, — tudo isso nada vale. Fique-mos nas cousas praticas. Um só desejo, um so fim : vivre sa vie. E para cumprir esse nobre ideal, esmaguemos tudo á nossa passagem, commettamos todas as violencias, todos os crimes, os maiores crimes, os crimes que produz e cynismo, a dureza, os crimes que a lei não pune.

Sim, meus amigos, tenho por Thomaz d'Alencar uma doce ternura. Thomaz d'Alencar encarna, para mim, uma somma consideravel de sentimentos bons. O seu caracter era feito de candura. Quando elle nos dizia: meu rapaz, filho, meu filho, estas palavras traduziam realmente um enternecimento da sua alma. Thomaz d'Alencar tinha um generoso e sincero coração que trasbordava muitas vezes em phrases um tanto convencionaes, — porque era tudo o que elle, na sua pobreza, podia dar.

Velho, conservava viçosos enthusiasmos juvenis. Como os romanticos de 1830 que se bateram por Hernani, Thomaz d'Alencar aos setenta annos, não tinha vergonha de fazer doiradas loucuras por um verso. Quando n'um jantar, (em honra do banqueiro Cohen), amigos que representavam a escola dos esterquilinios em ismo, chasqueavam Portugal e pediam a invasão hespanhola, Alencar levanton este protesto: «Caramba, rapazes, só a ideia d'essas cousas me põe o coração negro! E como vocês podem fallar n'isso a rir, quando se trata do paiz, d'esta terra onde nascemos, que diabo! Talvez seja má, mas, caramba, é a unica que temes, uno te-mos outra! E' aqui que vivemos, é aqui que rebentamos... Irra, fallemos d'outra cousa, fallemos de mulheres!» E póde ter-se as opiniões que se quizer, do tom d'estas palavras sae ainda um bafejo de sympathica ternura. Outra virtude de Thomaz d'Alencar era a sua galanteria. Nunca, fallando com velhas amigas de quarenta annos, nunca affectou intimidades descabidas. Era polido com todos, com os grandes e com os humildes. Gostava de agradar, de sentir em volta de si uma atmosphera benevolente. Thomaz d'Aleucar era dotado de todas as qualidades que constituem aquillo que picarescamente se chama «sentimento nobre»... Representava uma sociedade para quem o Pacha de Janina foi uma figura consideravel, uma sociedade cujo ridiculo consistiu em fazer loucuras pour les prunes, pour le plaisir, para a qual Valmont e a Marqueza de Metreuil eram a propria incarnação do mafarrico. N'aquelle tempo faziam-se sacrificios por miragens. Amava-se com desinteresse, sem sopezar primeiro a pe-sada sacca do dote. Havia o traidor, o execravel traidor.

Hoje, todos esses sentimentos desap-

pareceram, evolucionaram.

Valmont é o homem habil. O sr. Abel Hermant canta os seus triumphos em livros perversos. O traidor estaca a cada esquina e ninguem o acha exacravel. Não ha amizades, laços fortes de familia e de honra, — porque o nosso amor estendeu-se á Humanidade... E assim, pouco a pouco, nasceu o reino pratico, o reino dos esterquilinios em ismo. As theorias utilitarias, o interesse vil que se desenvolveu e se procurou desenvol-ver no seio das sociedades, retrogradounos á ferocidade, á desconfiança, á dureza. Sentimentos de confiança mutua, de lealdade, principios? Historias... A vida é curta! E' preciso Viver, com v grande! Antigamente, as barbas de um homem valiam dinheiro, - mesmo entre os pretos. Qual prestamista, hoje, em Lisboa, consentiria a emprestar a modica quantia de um quartinho sobre as barbas do sr. conselheiro Antonio José d'Almeida? ...

Ah! Meu querido poeta, como tinhas

Bem sei, bem sei... As Flores do Martyrio não são o que verdadeiramente se chama um livro de genio. Montaigue fez melhor em prosa, e Victor Hugo fez melhor em verso. A obra de Thomaz d'Alencar não é eterna. Mas, atravez d'ella palpita um coração bom. Acham pouco? Encontram outro tanto na obra de Zola? Zola deu o nome de Jesus Christo ao personagem mais repugnante da Terra. Jesus Christo rouba, viola creanças, pratíca obscenidades,o que é certamente muito divertido. Thomaz d'Alencar, a uma certa época da sua vida, vendo-se submergido, affectou ares de livre-pensador e de petroleiro. Mas, onde existe na sua obra um tal insulto aos simples que crêem, para quem Jesus Christo representa uma ideia nobre, um coração no qual se encontram e se refugiam muitos sêres infelizes?

Men querido Thomaz d'Alencar, como tinhas razāo! Não eras, sem duvida, isento de defeitos. Gostavas de comer bem e de beber melhor. Eras um pouco theatral. Mas com que saudade lembro a tua boa figura! Foi por volta de 1900 que te conheci, na tua casa dos arredores de Lisboa. No dia em que te fai apresentado, tratei-te por Excellencia. E tu, n'um gesto largo:

- Guarda a Excellencia para os barbeiros, meu rapaz! Trata-me por tu ou por tio Alencar.

E depois, affirmando-te na avantajada estatura de um outro dos teus convi-

- Meu C..., filho, já sabia que pela familia a que pertences eras alto, mas por ti só, és parente do Altissimo...

Ao jantar, contaste-nos historias de caça. Com a tua caçadeira ao hombro, a tua grenha romantica, as tuas botas altas, tinhas um bello ar. Fallaste depois dos teus amigos. Dizias: a um dia, Rebello da Silva contava-me que.. uma vez que en descia a Calçada do Combro, com Alexandre Herculano, um individuo disse ao Mestre uma gallegada. Agarrei uma acha...» Ao café, com um copinho de velha e rara aguardente, — « que te tinha dado o meu Manuel » — bebeste á saude de todos os nossos parentes, um por um.

Dizias, levando o copinho ao coração: « Meu C. á saude de tua mãe e minha senhora...» «Z. á saude de teu tio, o meu Guilherme...» Por fim, fizeste um grande brinde, um discurso. E fallaste bem, com fogo... Todas as senhoras, á volta da tua meza, choravam de ternura, com lagrimas que sabem bem. Cava-

lheiresco, feliz, terminaste assim, designando os grandes olhos da mais nova das tuas convidadas:

— Não continuo por que já vejo alli duas lindas rosas pretas orvalhadas...

Meu querido Thomaz d'Alencar, como eras bom! Como o teu coração, as tuas ingenuidades, os teus ridiculos, valiam mais que o talento dos outros!

C. Frazão Pacheco.

AS CADEIAS DA REPUBLICA

O Padre Avelino de Figueiredo



Padre Avelino de Figueiredo

Não, nós não esquecemos os presos politicos monarchicos, nem sobre a valla dos nossos mortos cresceu ou crescerá a herva do esquecimento.

As boccas, que a morte gelou nos campos de Chaves, não se fecharam, não emmudeceram; são ellas que prégam a resistencia, são ellas que protestam, são ellas que gritam, são ellas que clamam!

Nas mãos algemadas dos presos políticos monarchicos tremúla a nossa bandeira.

Ninguem os esquece, os nossos corações estão com elles.

Se uma palavra de solidariedade que lhes chega ao carcere os mitiga e compensa de muito horror, de muito sacrificio, e os salva de enlouquecerem n'aquella tortura, uma noticia que lá de longe em longe, d'elles vem aonde a nós, é uma alvoroçante alegria, porque nos affirma que a masmorra ainda lhes

não tirou a vida.

Tudo o que d'elles vem é um relicario.

Suas Magestades El-Rei D. Manuel e a
Rainha Senhora Dona Amelia teem cada um
seu annel a que querem como a sua melhor
joia.

E' um annel de chumbo, que tem gravadas por um preso político monarchico as armas reaes portuguezas, e as iniciaes de Suas Magestades.

Gravado na prisão, o annel foi beijado por todos os presos politicos que ao tempo estavam n'esse carcere, e mandado a SS. MM.

Essa enternecida lembrança é guardada, e fallada, pelo Rei de Portugal e por sua Augusta mãe, com grata emoção. Sonegados, encarcerados, manietados, des-

Sonegados, encarcerados, manietados, despojados da liberdade e arruinados nos interesses como na saude, os presos políticos monarchicos são todavía os verdadeiros agitadores, a verdadeira força, que impulsiona e que alenta.

Não ha muito que alguem escrevia estas linhas: — «...tenho por vezes impetos de me affastar para muito longe e para sempre, mas lembro-me dos presos e dos mortos e logo me arrependo».

É, na verdade apesar de todos os desgostos, esse homem fica, leal e fiel aos presos, grato e fiel aos mortos.

Quanto a nós, que de ha muito andamos habituados a ficar ao pé dos vencidos, em 1 de fevereiro de 1908, como em 5 de outubro de 1910, nunca pensamos em demorar uma hora sequer a homenagem grata aos que, por trabalharem pela liberdade de todos, perderam a sua.

Desde janeiro que pedimos documentação para esta secção, desde março que n'estas columnas a annunciamos; pois só agora, nos foi dado haver á mão os retratros d'alguns presos e uns breves traços do seu martyrio.

Se o carcere tem uma communicação pessoal precária, não é melhor servido o exilio onde O Correio tem redactores.

E, por nós calculamos a quasi impossibilidade em que o partido monarchico se vê de levar a cada preso a affirmação da sua solidariedade. Quanta, mas quanta vez S. M. El-Rei D

Manuel exclama:

— «Podesse Eu percorrer as cadeias, os fortes, os presidios e as Penitenciarias, vêr um por um os nossos presos!»

Nunca um Rei invejou mais o popular anonymo e obscuro que se debruça sobre a enxerga do encarcerado amigo, e tem ao menos a dolorosa alegria de o vêr de o acompanhar, de o abraçar.

Como nem mesmo a nós, simples mortaes, esse direito nos é dado, d'aqui vamos abraçar todos os presos políticos monarchicos, em espirito, a todos vamos levantar o nosso preito.

O Paiz ficará conhecendo os que por elle se teem exposto e batido, e os nossos presos ficarão assim com esta prova de que os não esquecemos no infortunio. A desgraça engrandece egualmente os

A desgraça engrandece egualmente os homens; a nossa solidariedade não conhece distincções, nem o carcere as permitte.

Illustres ou obscuros, os nossos presos são de nós egualmente presados. São os nossos irmãos, são o Povo Portuguez, são Portugal mesmo encarcerado e perseguido.

gal mesmo encarcerado e perseguido. Começamos hoje pelo Padre Avelino de Figueiredo, porque foi com elle que a Republica começou as suas perseguições.

Os outros virão, sem preferencia nem distincção, conforme a documentação nos chegar primeiro ou depois.

O Padre Avelino Simões de Figueiredo de 36 annos, filho legitimo de Manuel Ferreira de Figueiredo, e Maria do Nascimento, natural de S. Felix, concelho de S. Pedro do Sul, beneficiado e mestre de ceremonias da Sé Patriarchal de Lisboa, morador em Lisboa. Pateo Affonso de Albuquerque 7-3.º, Direito.

Está preso ha 24 longos e penosos mezes, com mais 8 companheiros, um dos quaes está tuberculoso, e outro bastante doente. Entrou no Limoeiro a 27 de março de 1911. A 7 de setembro seguinte foi para o segredo 5, onde esteve 16 dias, sendo 11 a agua e pão. Por cama tinha uma taboa, que de manhã lhe tiravam, por banco a lage fria e humida, e para beber tinha que fazer concha das mãos. Durante 8 dias pediu medico porque estava gravemente doente e não conseguiu resultado algum, apezar do regulamento preceituar a obrigação do medico ir aos segredos todas as vezes que reclamem a sua presença.

Em 24 de novembro foi para o Presidio da Trafaria, d'onde voltou em 30 de março ultimo bastante doente.

Esteve incommunicavel 8 dias. Accusaram-o de «sob as suas ordens e instrucções se fazerem alliciações para uma revolução monarchica». A sua ordem de prisão em 20 de março de 1911, era por ser o instigador da greve geral de 20 de março de 1911. De grevista passou a sua accusação á de conspirador. Junto aos autos já existem documentos alguns dos quaes passados por auctoridades republicanas, que patenteiam claramente a inanidade da accusação e a sua falsidade. Não o deixaram apresentar testemunhas contraditorias, no tempo em que a lei o permittia.

Subtrahiram do seu processo o depoimento d'uma testemunha, que inutilisava a accusação. Fizeram lhe uma busca a casa em 20 da março de 1911.

Lavraram um auto de investigação, rubricado e assignado pela auctoridade e varias pessoas. D'esse auto se via que nada de compromettedor lhe encontraram.

Pois tal auto não existe hoje no processo. Em compensação o denunciante Antonio Luiz Horta, veio dez mezes depois da sua prisão, participar que na busca feita em casa do Padre Figueiredo e a que elle não assistiu, se encontrou uma carta compromettedora, (pag. 217), que não junta ao processo, porque se extraviou!!!

Em 30 de janeiro de 1912 é mandada intimar a testemunha a que se refere o denunciante, (testemunha cujo depoimento desappareceu). Esta testemunha nunca sahiu de sua casa, e não foi intimada, mas em compensação existe nos autos um documeuto em como não foi encontrada!!!

O processo, apesar do Padre Figueiredo e os companheiros serem os primeiros presos políticos, só recentemente foi julgado.

Passou do tribunal de excepção das Trinas para o 2.º districto criminal de Lisboa. Devia ser julgado em 12 de julho ultimo, mas tendose dado a segunda incursão realista, a lei que criou os tribunaes marciaes tinha effeito retroactivo (!!) e foi abrangel-o estando preso havia 16 mezes.

Sabendo que o procuravam, e não temendo as accusações, apresentou-se á auctoridade. Quando entrou na cadeia, ainda Paiva Couceiro não pensava em combater a Republica. Muito tempo depois é que elle foi para Hespanha.

A 6 de abril corrente, o martyrisado Padre Avelino de Figueiredo escrevia-nos nma carta em que se lè estas laudas:

«Limoeiro, Grupo A - 6-4-913.

«Meu carissimo amigo:

A'manhã vou entrar na Penitenciaria de Lisboa por ordem expressa do ministerio da guerra. A minha transferencia foi inesperada porque tenho recurso pendente e sou dos que foram condemnados ha menos tempo. «Ha presos condemnados ha muitos mezes

«Ha presos condemnados ha muitos mezes que ficam no Limoeiro. Eu sou a féra, tenho de ser engaiolado.

«Entro na Penitenciaria com o espirito tranquillo e calmo.

Seu muito amigo, Padre Avelino de Figueiredo.

P. S.—Não posso lêr os jornaes, por isso peço que me guarde a colleção do «Correio».

No dia 7, contaram os jornaes, que o Padre Avelino de Figueiredo ao transpor o curto trajecto da porta do Limoeiro para o carro cellular que o transportou á Penitenciaria, erguera vivas á Monarchia, vivas a El-Rei D. Manuel, a que os outros presos politicos corresponderam d'entre as rexas dos carceres.

res.
O que é que esperavam esses jornaes:
que o Padre Figueiredo soltasse vivas á Re-

O Padre Figueiredo e os presos políticos monarchicos estão dispostos a perder a saude, a vida, mas não a honra.

Duas Patrias?

Tem a emigração portugueza crescido em proporções assustadoras, desde o advento da Republica.

Sob a frieza dos quadros estatisticos, onde successivamente se vae consignando a intensidade d'esse phenomeno social, — quantas tristezas humanas se occultam, quantos soffrimentos, quantos dramas intimos d'almas açoutadas, como vimes sem defeza, pelo sopro agreste de lastimosas penurias physicas, e d'abatimentos moraes, torturantes e profundos.

Quanto terá custado, a muitos dos que fogem, cortar, com as proprias mãos, essas doces fibras, que prendem o coração, como a hera se prende, aos muros do seu recanto natal. Quantas duvidas, quantas hesitações, quantos receios!

E em face d'essa lista temerosa de cento e tantos mil, embarcados de facto n'um anno só, póde bem imaginar-se que extensão enorme terá a lista parallela, e decerto incomparavelmente maior, d'aquelles outros, cujo espirito, povoado aliás pelos mesmos phantasmas do desalento, não teve ainda a força sufficiente para impellir o corpo ao passo decisivo da viagem de longo curso.

Como os da primeira lista, expatriados são tambem estes da segunda lista, embora vivendo ainda sobre o chão da sua Terra. Expatriados dentro da Patria, como a maioria da gente portugueza na hora actual.

A Republica fabricou a sua Patria particular, deixando de fóra a « Outra ». E quiz, depois, com desprezo completo por uma opinião publica que nunca regularmente consultou, consubstanciar-se com o Paiz, esmagando a « Outra » sob os azorragues da sua Intolerancia demagogica.

Mas as Patrias são immortaes, mesmo nos ferros da oppressão, e a «Outra», portanto, cada vez está mais viva.

O culto que não póde expandir-se por fóra concentra-se no foro interno da maioria dos espiritos. As Vestaes não dormem, e o fogo não se apaga.

E' evidente, todavia, que, em taes

condições, o Patriotismo considerado como cimento da cohesão nacional, illigando os Individuos entre si, e ao Estado, — quer dizer o Patriotismo activo da Collectividade Constituida, tende a obliterar-se.

Tende a obliterar-se, porque estará, talvez, acima das forças humanas sentir affeições sinceras por um Estado, que, nas suas cupulas directoras, se revela com o aspecto d'um orgão de Policia, ponto convergente d'informações confidenciaes affluindo dos seus «nucleos de vigilancia», esparsos por toda a parte. (Vide a reportagem do recente Congresso d'Aveiro, transcriptos nos jornaes).

«Nucleos de vigilancia», que é como quem diz, em portuguez menos figuratitivo, «Agencias de delação»

E tende a obliterar-se porque a mutua confiança é o laço que unifica as inclinações, e os esforços individuaes, e não póde haver mutua confiança, quando a denuncia floresce com alvarás d'instituição official e meritoria.

?Onde estará, pois, o bloco solidario da Nação, se nem existem attracções da peripheria para o Centro, nem attracções das moleculas entre si?

Não. Bloco solidario não o temos. Temos sim, muito pela inversa, uma « Massa em desaggregação », — uma « Cousa a esphacelar-se ».

Não queremos remexer na chaga, mas a chaga ninguem n'a desconhece. Perante um espectaculo d'esses, — quasi, — senão completamente, — o sepectaculo de um Fim que se approxima, — parece que deveria o respeito, e a consciencia da gravidade do momento, levar-nos, todos, a despir Corôas e a

consciencia da gravidade do momento, levar-nos, todos, a despir Corôas e a despir barretes phrygios, e, com a simples cabeça de portuguezes, sem mascaras nem insignias, com a simples cabeça lusa, nua, e expostas ás brisas frescas do Senso Commum, e da lealdade sem pensamentos reservados, — procurar, e pôr em pratica, os meios para que não prosiga desaggregando-se a «Massa em desaggregação», para que não continue o esphacelamento da «Cousa a esphacelar-se».

Justiça, Raciocinios, Direitos, com frequencia os Homens os pizam aos pés. Suffocarem o proprio Instincto da Conservação, succede menos vezes. Mas tem-se dado o caso, conforme o está demonstrando no momento o partido republicano, á testa dos destinos portuguezes.

Gravou a Republica, nas taboas de bronze dos seus versiculos fundamentaes, o Dogma de que a Patria portugueza, e ella, Republica, formavam um Todo, inseparavel, e indivisivel, consolidado, per omnia secula seculorum, nas mesmas Finalidades de Vida ou de Morte.

Dogmas não se discutem, e este, além d'isso, falta-lhe uma condição essencial para que pessoas serias se deem ao trabalho de discutil-o.

? Lembram-se, no entretanto, os leitores, do juizo de Salomão, quando, sobre um Filho unico, se litigavam duas allegações de direitos maternaes?

«Antes se esquarteje a creança, do que eu ceda aquillo que me pertence,» — assim fallava a falsa Mãe

Quererá a Republica imital-a?

Henrique de Paiva Couceiro.

Carta de Lisboa

Esta carta hoje tem de ser uma resenha resumida de uns poucos de factos importantes succedidos durante a semana, graças ao impulso omnipotente do sr. Affonso Costa, a quem os correligionarios chamam já o novo Czar, e a cuja vontade todos se dobram e curvam reverentes e submissos. E ha razão para isso. A sua audacia desdobra-se em ha-

bilidades, com uma velocidade que assusta. Surge na Camara dos Deputados o problema do jogo, e elle põe a sua pasta e a dos collegas na reprovação do projecto. Quer dizer: Essa questão que a dentro do seu partido, e ainda na assembleia do Congresso de Aveiro, que é seu, era apenas uma questão aberta sobre a qual se dividiam as opiniões, passa a ser para o parlamento uma questão politica, de vida ou de morte para o ministerio, e os seus correligionarios arrumam na gaveta a sua opinião, e rejeitam o projecto por inoportuno. Mas o partido unionista, que assegura a vida ministerial com o seu apoio parlamentar, esse, com o sr. Camacho á frente não quer saber da declaração do Presidente de Ministros e vota pelo jogo; e o sr. Antonio José d'Almeida, chefe dos Evolucionistas, quesão a opposição, declara aos correligionarios que o problema é um simples ponto de administração, e elles votam todos á carga cerrada pela regulamentação, deixando sósinho o seu chefe a votar contra, isto é, a votar com o sr. Affonso Costa, que a transformára em questão politica. Já se viu, alguma vez, embrulhada maior?

Mas a rejeição do projecto não liquidou a questão, adiou-a apenas. Em breve, voltará ella no Congresso, mais accesa talvez que nunca, a julgar pela furia do senador auctor do projecto, o sr. Thomaz Cabreira, a quem o sr. Affonso Costa mandou dizer pelo Mundo, que, se fosse ministro, não teimaria tanto no projecto! E entretanto vae-se preparando o caminho para o inquerito á Ilha da Madeira annunciado na carta do sr. Ribeira Brava, que no Funchal se publicou e photographou, com grande indignação do seu signatario, que declarou no parlamento ter-lhe sido roubada, a que prova que o exemplo seguido pelo sr. Affonso Costa e pelo Mundo com as cartas roubadas de um official da marinha, ajudante de El-Rei, e dirigidas a um amigo, frutificou como todos os exemplos... maus!

Accrescenta-se já que esse inquerito será feito de visu pelo proprio Presidente do Ministerio, que será acompanhado na viagem pelos deputados do Funchal, mal feche o parlamento, isto é, em fins de Maio, ficando a revisão da lei da Separação para depois, o que o paiz tem ainda de lhe agradecer, porque lá disse elle, da janella abaixo do seu ministerio, á turba multa do livre pensamento, que essa lei teria de sahir do parlamento mais forte. A força n'este caso é synonimo de perseguição. Traduzida a phrase, quer dizer que, se os catholicos julgam que as camaras podem deitar algum remendo em tudo o que de iniquo, de absurdo e de ultrajante tem a lei, enganam-se: aquillo já não tem concerto!

Está certo! Porque em materia de perseguições, não poderia arranjar-se politica mais correcta e augmentada. Tudo se sophisma, tudo se inventa e tudo se corrompe, programmas antigos solemnemente annunciados, leis preparadas para lançar poeira aos olhos, respeito pelas opiniões alheias, pela liberdade de consciencia e de pensamento, a todo o momento apregoadas nas trombetas da grey a dez reis... avulso. A demissão do illustre director do Dia, o sr. Moreira de Almeida, de consul na disponibilidade é a ultima e a mais typica, por se tentar imprimir-lhe toda a apparencia legal. E que lei fosse, nem por isso esse acto deslustraria menos os ministros que o praticassem, porque no fundo - para que necessario tanta ficção que a ninguem engana! - elle não é senão uma mesquinha e vil vingança! Mas vejamos em meia duzia de linhas a questão legal.

O Ministerio dos Estrangeiros fez assignar pelos funccionarios d'elle dependentes uma declaração em que pela sua honra como cidadãos e como funccionarios se compromettem a defender a Patria e a Republica, com a aggravante de terem sido cortadas antes da

Republica as palavras as leis da. Ou porque acceitassem a formula como mera formalidade sem importancia, ou porque não reparassem no que de absurdo ella continha, a grande maioria d'esses funccionarios assignou-a, destacando-se apenas tres ou quatro, cujos nomes se citam, que se insurgiram contra tal imposição absolutamente illegal! E é illegal por um motivo muito simples: porque os termos da declaração para os empregados publicos estão indicados no decreto lei de 18 de Outubro de 1910, apoz a proclamação da Republica cuja constituição politica diz no n.º 2.º do seu artigo 3.º que ninguem é obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma cousa senão em virtude da lei.

Não ha nada mais claro, e se alguma demissão se devesse dar n'este caso não seria a do sr. Moreira d'Almeida que está dentro da lei, mas a do sr. Antonio Macieira que abusou do poder, sahindo fóra d'ella.

Mas quem quer saber da lei, n'este regimen? A lei... é o sr. Affonso Costa!

Quarta-feira 23.

Raul.

SEMANA MUNDANA

Um pouco de tudo

-Passa hoje o anniversario do nosso querido amigo o illustre redactor de O Correio, sr. Joaquim Leitão.

Não o esqueceram os seus amigos — que são muitos — e essa lembrança aqui lhe deixamos expressa, envolta nas saudações que á nossa redacção trouxeram - para que lh'as enviassemos — os seus admiradores

-Esteve no Porto o sr. D. Antonio de Siqueira Freire (S. Martinho).

- Encontra-se em Roma, acompanhado de sua esposa, a senhora D. Maria Amelia Burnay de Macedo Sande e Castro, o sr. Dr. Francisco Paes de Sande e Castro. — Chegou de Paris o sr. Visconde de Sa-

- Regressaram a Portugal os senhores Condes de Monsaraz.

— Tem passado ligeiramente doente, o nosco excellente amigo, D. Francisco Cabral.

Concurso hyppico

Como estava marcado, realisou-se no domingo, no campo do Bessa, uma festa hyppi-

ca, offerecida pelo Centro Hyppico.
Os camarotes e bancadas estavam repletas, dando um aspecto elegante o conjunto de distinctissimas toilletes das gentis senhoras, vendo-se alli a nossa alta sociedade.

Ganhou a taça disputada entre os srs. Alberto Cardoso de Menezes (Margaride) e Joaquim d'Araujo Rangel, este ultimo, no seu

cavallo « Paddy ». Entre a assistencia, lembra-nos ter visto

as senhoras: Condessas de Castro, de Bettencourt e fi-lha D. Maria Adelaide, e de Alpendurada, D. Henriqueta d'Almeida Viterbo e filha D. Vir-ginia, Viscondessa de Francos, D. Maria José ginia, Viscondessa de Francos, D. Maria José Saldanha da Gama e Vasconcellos, D. Elisa de Figueiredo Cabral e filhas D. Julia, D. Magdalena e D. Maria do Carmo, D. Maria José Guedes d'Albuquerque e filha D. Maria, D. Maria d'Almeida e Brito, D. Laura Madureira de Magalhães Ribeiro (Gandara) e filha D. Maria Amelia, D. Ignez de Carvalho Pereira Cabral e irmã D. Maria José, D. Maria dos Prazeres Palma de Vilhena e filha D. Maria Clandia. D. Lucinda Ferreira e filha D. Lu-Claudia, D. Lucinda Ferreira e filha D. Lucinda, D. Isaura Rocha Leão Sá Sotto-Mayor Pinto, D. Mathilde Telles de Menezes Roma Machado e filha D. Paulina, D. Julia de Moraes Paiva, D. Beatriz de Paiva Coutinho e raes Paiva, D. Beatriz de Paiva Coutinho e Lemos e filhas D. Maria Carolina, D. Leonor, D. Branca e D. Isabel, D. Thereza Silva, D. Thereza Silva de Vasconcellos Porto, D. Elisa da Costa Lima, D. Maria de Sousa Rego e filha D. Bertha, D. Beatriz Rego Machado, D. Maria Celestina Costa Allen Teixeira, D. Emilia Allen Archer, D. Helena Woodhouse Sá Passos, D. Maria Isabel Woodhouse Kendall, D. Eugenia e D. Maria Luiza de Brederóde Woodhouse, D. Camilla de Brederóde, D. Leonor de Castro e Silva, D. Maria Ascenção e D. Maria João da Cunha Lima (Pesqueição e D. Maria João da Cunha Lima (Pesqueira), D. Isabel Maria Côrte-Real, D. Anna Pereira da Cunha de Menezes Lemos Ferreira, D. Sophia de Serpa Fereira e filha D. Maria, D. Maria Thereza Ferreira Machado, D. Mecia e D. Maria Constança de Magalhães, D. Roe D. Maria Constança de Magainaes, D. Ro-seira e D. Alda Ferraz, D. Sophia de Meirel-les e Vasconcellos, D. Maria Filomena de Mello Aragão, D. Sophia de Mello Peixoto, D. Arminda Cardoso de Menezes (Margaride), D. Maria José Archer, D. Camilla de Castello Branco Cardoso e filha D. Camilla, D. Luiza

da Fonseca Mourão e filha D. Maria Luiza,

D. Laura Judith Mourão, D. Clementina de

Madureira (Ancêde), etc., e os snrs.:

Conde de Castro, Visconde de Francos, Manuel e Francisco d'Albuquerque Pereira e Caceres, Antonio Jorge d'Almeida Coutinho, Alberto e Alvaro Ayres de Gouveia, Arthur Pinheiro d'Aragão, José da Cunha Lima, Pririnneiro d'Aragao, Jose da Cunna Lima, Pri-mo de Sá Sotto-Mayor, Manuel Wan-Zeller, Francisco Palma de Vilhena, Affonso da Sil-veira Themudo, Luiz Wan-Zeller, Cabral, Car-los Roma Machado, Ruy da Cunha Menezes, João d'Albuquerque Pereira e Caceres, Luiz e Francisco de Figueiredo Cabral, Luiz da Cunha Menezes, Da Repuerdo (Loña Parle Cunha Menezes, Dr. Bernardo e João Paulo Aragão, Fernando Ferreira de Brito (Ermida), Dr. Antonio Humberto Mendes Correia, Car-los Costa Allemão Teixeira, Eduardo Lopes Malheiro, Joaquim Ayres de Gouveia Allen (Villar d'Allen), Antonio Bernardo Ferreira, Francisco Wan-Zeller Cabral, Luiz de Brede-Francisco Wan-Zeller Cabral, Luiz de Brederóde Woodhouse, Luiz Guedes Brandão de Mello, Dr. Carlos Rego, Miguel Palma de Vilhena, Luiz T. de Menezes Acciainoli, Frederico de Ancêde, Luiz Viegas, Ruy de Castro Ferreira de Brito (Ermida), Alvaro de Paiva, Arnaldo Vieira de Castro e Oliveira, José Cardoso de Menezes (Margaride), D. Manuel de Serpa Ferreira, Eduardo de Serpa Ferreira, Dr. José Côrte Real, Camillo de Castello Branco de Carvalho, João Faria, Conselheiro Leopoldo Mourão, Agostinho d'Azevedo Meirelles, José Sarmento de Beires, etc.

Annuncios

Realista

SEMANARIO MONARCHICO PORTUGUEZ - DO -

RIO DE JANEIRO

Principaes collaboradores:

Alvaro Pinheiro Chagas

Cons. Fernando Martins de Carvalho D. José Paulo da Camara.

Artigos frequentes de Ayres de Ornellas, Eduardo Lupi, Henrique de Paiva Cou-ceiro, Luiz de Magalhães, Saturio Pires, etc., etc.

Assigna-se:

Em LISBOA: na agencia do semanario mo-narchico O Correio: — Largo de S. Pau-10, 12.

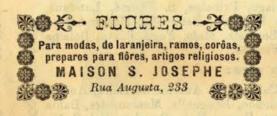
No PORTO: na administração de O Correio: - Rua de Passos Manuel, 177-1.º

Em PARIS: na agencia de O Correio: -6, Rue Duban.

Preço da assignatura por um anno:

3\$000 reis fortes, ou 15 francos.

A cobrança pelo correio importa em mais 100 reis fortes ou 50 centimos.



Consultorio Homœopathico

- DO -

Dr. Antonio de Carvalho

Medico da enfermaria homoeopathica do Hospital Geral da Misericordia do Porto, com pratica nos hospitaes homoeopathicos de Paris, etc.

Doenças do coração e Clinica Geral.

Rua da Bôa Hora, 7 (Residencia) Das 12 ás 2 da tarde

O Cinematógrafo

PUBLICAÇÃO SEMANAL

por JOSÈ AGOSTINHO

Cada opusculo 50 reis

O Cinematógrafo é a critica austera e irónica da vida politica de Portugal

Eis o sumário do 1.º numero:

Primeira fita — O doutor Teófilo e o doutor Camacho. - Dois ódios em conflito. - Tres canconetistas nos intervalos.

Segunda fita — No congresso. — Dois grandes senadores. — Ministros que revolucionam a Moral. — Os velhos parlamentares esta-

Terceira fita - O governador de Moçambique — O congresso de Aveiro — A conférencia no Pôrto — Apoio… à China. — Quadros vários.

É, como se deprende do sumário, uma bela sessão de cinematógrafo e barata.

Fitas de flagrante actualidade. O Cinematografo encontra-se à venda nas principaes livrarias e kiosques.

Deposito geral: Livraria Portuense de Lopes & C.ª — PORTO.

Saíu já o 1.º numero.

PERFUMARIA BALSEMĀC

Rua dos Retrozeiros, 141

TELEPHONE, 2:777

LISBOA

PERFUMARIA FINA

Praça de D. Pedro, 101 LISBOA

Recebeu novo sortimento de essencias finas para o lenço e banho, sabonetes e pós de arroz finissimos, boa agua de Colonia Florida e preparados garantidos para o cabello, dando a cor natural; sortimento de eli-xires, pasta e pós dentifricos.

AOS MONARCHICOS

Tenho em deposito grande variedade em papel de carta com facha azul e retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II, lapis azul e branco, berloques para pulseiras, argolas para guardanapos com a linda bandeira azul e branca, botões bara punhos, passe-partouts com retrato e bandeira, chatelaines, lindos distinctivos com bandeira e retrato, photographias em ponto grande com retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II e do Senhor D. João de Almeida.

Grande variedade em Postaes com os ultimos retratos de Suas Magestades a Senhora D. Amelia e o Senhor D. Manuel II, Sua Alteza o Principe D. Affonso e os snrs. Azevedo Coutinho, Ayres de Ontellas, Dr. Annibal Soares, Alvaro Chagas, Paiva Couceiro, Dr. José A. C. Branco e muitos outros artigos.

PREÇO COM GAANDE DESCONTO AOS REVENDEDORES

Todos estes artigos pagam os direitos alfandegarios com ordens superiores; por essa razão não pódem ser apprehendidos, pois são objectos de meu commercio.

PEDIDOS A

I. Monteiro Pereira

Rua do Loureiro, 72 - PORTO

OPARISIENSE

75-Galeria de Paris-77

Esta casa acaba de abrir a estação de verão com uma completa collecção de chapeus modelos comprados pessoalmente nas melhores modistas de Paris e muitos outros confeccionados n'este atelier.

ESTOFOS, MOVEIS E

Deposito de capachos de côco e pita

409, Rua do Sá da Bandeira, 409

(PARTE NOVA)

Em frente ao Bolhão

PORTO

Depositarios da Imprensa Nacional

Wenda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencia e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações.

Correspondentes em todo o mundo.

CASA FUNDADA EN 1863

II, Largo dos Loyos, I4-PORTO

PARA A COSTA

OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel; para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga o passagens trata-se no escriptorio da Empreza

RUA DO COMMERCIO, 85-LISBOA &

Recommendamos as excellentes e magnificas PENNAS

D. CARLOS I e D. MANOEL II

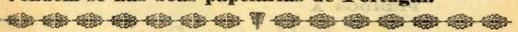
em bonitas caixas com artisticas photographias de Suas Magestades

Fabricação exclusiva

dos fabricantes inglezes

D. LEONART & C.º

Vendem-se nas boas papelarias de Portugal.



NACIONAES

ESTRANGEIROS

Vantagens excepcionaes para grandes fornecimentos e contractos annuaes, etc.

LISBOA



SUD-ATLANTIQUE

Linha postal. Para Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar-A 6 de Maio o paquete La Gascogne. A 20 de Maio o paquete Burdigala.

Linhas commerciaes. Para Pernambuco, Rio de Janeiro, Santos, Monte-videu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 28 de Maio o paquete Samara.

Para Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres, com escala por Dakar.

A 14 de Maio o paquete Liger. Para Bordeus.

A 7 de Maio o paquete Divona.

K. H. Lloyd (Mala Real Holandeza)

Para Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres.

A 28 de abril o paquete Frisia.

A 19 de Maio o paquete Zeelandia.

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos

A 8 de Maio o vapor Amstelland, (só recebe carga)

Recebendo passageiros de todas as classes.

Para Vigo, Boulogne, Paris, Dover, Londres e Amsterdam.

A 29 de Abril o paquete Zeelandia.

A 21 de Maio o paquete Hollandia.—Recebendo passageiros de todas as classes.

Linha Cyp. Fabre & C.º

Para Providence e New-York, e mais cidades dos Estados Unidos da America do Norte

Para Providence e New-York, e mais cidades dos Estados Unidos da America do Nortes com escala por S. Miguel, Terceira e Fayal.

A 26 de Abril o paquete Roma.

Recebendo passageiros de 1.º, 2.º e 3.º classe.

Para Marselha.

A 4 de Maio o paquete Germania.

Recebendo passageiros de todas as classes.

Preço das passageiros de todas as classes.

Preço das passagens em 3.º classe para New-York, Boston, New-Bedford, etc., quarenta e dois mil reis e para S. Francisco da California, Libras 22-0-10.

Para carga e passagens e mais esclarecimentos trata-se com

OREY ANTUNES & C.º

NO PORTO

EM LISBOA

Largo de S. Domingos, 62-1.°

Praça Duque da Terceira, 4.

COMPANHIAS DE SEGUROS La Union y el Fenix Español de Madrid Union Maritime de Paris

durana and a same and a same and a same and a same a same

Mannheim de Manheim

Seguros sobre a vida, incendio, explosão de gaz, de machinas, raio, rendas em caso de incendio, mariti-mos postaes e transportes de qualquer natureza.

LIMA MAYER & C. R. da Prata, 59-1.º - LISBOA

Dr. M. Forbes Costa

CIRURGIÃO DOS HOSPITAES Antigo assistente das clinicas de Paris, Berlim, Londres e Vienna

Doenças genito-urinarias, venereas e syphiliticas

Diagnostico e tratamento da sy-philis pelos processos mais moder-nos, especialmente pelo salvarsan (606) e neo-salvarsan.

Praça da Liberdade, 124-1.º DAS 2 AS 5 HORAS

Telephone, 143